



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE

VANESSA PRISCILLA ALMEIDA ADONIS

CORPO, SEXUALIDADE E ESTIGMA ENTRE PROFISSIONAIS DO SEXO.

Santos

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE

VANESSA PRISCILLA ALMEIDA ADONIS

CORPO, SEXUALIDADE E ESTIGMA ENTRE PROFISSIONAIS DO SEXO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Federal
de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Fisioterapia

Orientadora: Prof^aDr^a Cristiane Gonçalves
da Silva

Santos

2018

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, por ser essencial na minha vida e me dar forças para essa longa jornada, à minha mãe que de forma única e incansável sempre esteve ao meu lado, me apoiando e investindo suas expectativas em minha formação. Hoje estamos colhendo, juntas, os frutos do nosso empenho! Essa vitória é muito mais sua do que minha.

Obrigada meu anjo!

Agradecimentos

Agradeço a Deus que, em sua infinita misericórdia, me deu forças para chegar até aqui mesmo quando eu não merecia, agradeço ao universo e a todas as entidades espirituais que me auxiliaram neste longo percurso da minha graduação.

À minha família: minha querida e amada mãe Rosemeire que nunca se deixou abater, sempre se manteve firme diante das adversidades, pronta para me incentivar e me auxiliou de forma incondicional nesses longos anos, ao meu pai William, minha avó Lourdes, por sempre torcerem por mim e ao meu esposo Diego, que por vezes, mesmo sem entender nada sobre o trabalho, tinha a incrível paciência para me ajudar, incentivar e apoiar.

Aos meus amigos “Ditões”, que me deram forças quando eu mesma achei que não tivesse mais, que não deixaram, eu, desistir, que me fizeram encontrar forças para ir até o final. Para eles deixo a seguinte mensagem “amigos são a família que Deus nos permite escolher, e vocês foram à família que eu escolhi” Obrigada Luísa, Matheus, Fabiana Corrêa, Juliana Cassani, Mayara e Vitória.

Agradeço, especialmente, aos meus amigos que me acompanharam de perto durante esses longos anos de graduação, especialmente ao Lucas Bovollin, Luísa Jardim e Guilherme Vidal. O apoio de vocês foi fundamental.

Ao meu padrasto Domingos que de forma carinhosa me auxiliou nessa jornada.

Agradeço à minha orientadora pela confiança, paciência, amizade, compreensão, dedicação e respeito na elaboração deste trabalho.

Agradeço aos professores que participaram do processo da minha formação e a todos os profissionais que, de alguma forma, dividiram experiências e conhecimentos ao longo deste processo.

Por fim, agradeço a cada participante desse estudo, pois sem a ajuda delas seria impossível realizar este trabalho. A todas às mulheres entrevistadas, eu deixo o meu muito obrigada do fundo do coração.

“No que diz respeito à prostituta, andamos para trás na história. E creio que só uma grande sociedade seja capaz de reverter essa situação. O que não sei é se somos uma grande sociedade. Mas o que será uma sociedade senão seus indivíduos? Então, pode ser que as mudanças estejam mais ao nosso alcance do que imaginamos. Está na hora, portanto, de andarmos para à frente.” (Gabriela Leite, 2009, p.192).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso resulta de uma pesquisa realizada junto a três mulheres cisgêneras profissionais do sexo inseridas no mercado, há, pelo menos, 2 anos. A metodologia utilizada baseou-se numa abordagem qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com profissionais do sexo que trabalham em circuitos da cidade de São Paulo. A justificativa do estudo pautou-se em desenvolver uma reflexão que buscou perceber como essa mulher se enxerga nas dimensões trazidas da condição de profissional do sexo. Assim, essa pesquisa teve como objetivo compreender como as profissionais do sexo entendem e enxergam seu próprio corpo, não apenas em sua constituição anatômica, mas buscando entender os significados e representações subjetivas, construídas socialmente. A pesquisa buscou também compreender como vivem e entendem sua sexualidade e como significam sua existência e compreendem o estigma relacionado à profissão. Com base nas entrevistas e reflexões, um dos objetivos foi elaborar uma proposta de oficina educativa com mulheres profissionais do sexo, buscando problematizar temas de gênero, sexualidade e corpo que possa compor a prática profissional da fisioterapia, agregando dimensões culturais e sociais para discutir a genitália feminina a partir das experiências das próprias mulheres, para que possam conhecer melhor o próprio corpo, inclusive anatomicamente. Os resultados do estudo revelaram que as participantes não tinham afinidade com os termos sexualidade e genitália. Todas valorizam e investem no corpo a partir do modelo padrão vigente e o entendem como central para a profissão. O estigma revelou-se no fato de duas delas esconderem a profissão das pessoas de seu convívio como uma forma de se proteger. O trabalho também possibilitou elaborar uma proposta educativa para a prática profissional e alguns elementos da vida das mulheres profissionais do sexo.

Palavras chaves: Sexualidade; Corpo; Estigma; Profissionais do Sexo.

ABSTRACT

This course completion work results from a survey conducted with three sex workers of the sex industry in the market for at least 2 years. The methodology used was based on a qualitative approach, performing semi-structured interviews with sex workers working in circuits in the city of São Paulo. The justification of the study was based on developing a reflection that sought to understand how this woman sees in the dimensions brought about by the status of sex professional. Thus, this research aimed to understand how sex workers understand and see their own body, not only in their anatomical constitution, but also to understand the socially constructed subjective meanings and representations. The research also sought to understand how they live and understand their sexuality and how they mean their existence and understand the stigma related to the profession. Based on the interviews and reflections, one of the objectives was to elaborate a proposal of an educational workshop with female sex workers, seeking to problematize themes of gender, sexuality and body that can compose the professional practice of physiotherapy, adding cultural and social dimensions to discuss the genitalia feminine from the experiences of the women themselves, so that they can better know their own body, including anatomically. The results of the study revealed that the participants had no affinity with the terms sexuality and genitalia. They all value and invest in the body from the current standard model and understand it as central to the profession. The stigma was revealed in the fact that two of them concealed the profession of the people from their conviviality as a way of protecting themselves. The work also allowed to elaborate an educative proposal for the professional practice and some elements of the life of the professional women of the sex.

Keywords: Sexuality; Body; Stigma; Sex Professionals.

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MÉTODOS	16
2.1. Objetivos	16
2.1.1. Objetivo Principal	16
2.1.2. Objetivos específicos	17
2.2. Tipos de estudo e análise	17
2.3. Aspectos éticos	19
3. RESULTADO E DISCUSSÃO	20
3.1. Perfil das entrevistadas.	20
3.2. Eixos de análise	22
3.2.1. Corpo e prostituição	22
3.2.2. Genitália	26
3.2.3. Sexualidade e prostituição	28
3.2.4. Sexualidade e vida afetiva	31
3.2.5. Percepções sobre sexualidade	32
3.2.6. Estigma e prostituição	35
4. OFICINA EDUCATIVA	40
4.1. Objetivo da oficina	41
4.2. Participantes	41
4.3. Duração	41
4.4. Metodologia	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE I: Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	46

APÊNDICE II: Aprovação do comitê de ética	48
APÊNDICE III: Roteiro de entrevista	49
APÊNDICE IV: Transcrição das entrevistas	51

1.INTRODUÇÃO

A prostituição, na dimensão que a coloca como uma prática de exploração sexual, está presente na história desde os primórdios e, como coloca Torres (1999), teve sua história perdida já que é uma prática tão antiga quanto a história da humanidade. No senso comum é conhecida como a profissão mais antiga do mundo, presente em todas as épocas ao longo da história da humanidade.

Diversas são as razões que levam a entrada de uma mulher no mercado do sexo e, mais propriamente, no mercado da prostituição. Pereira (*apud* CARVALHO, 2000, p.24) diz: “que a cultura americana enxerga a prostituição como uma busca por um trabalho produtivo e independente”. O mesmo autor cita que na França a prostituição esteve associada a aliciadores que encaminhavam moças sem muita instrução ao mercado da prostituição. No Brasil, segundo Moura (2004) a prostituição associa-se às desigualdades sociais, uma forte característica do país em que vivemos. Russo (2007) cita que necessita de duas combinações e condições para a prostituição: ser mulher e ser pobre.

Já Pereira (2015, p. 9) descreve “O corpo aparece como um vínculo que possibilita a sobrevivência, por meio do dinheiro que pode ser arrecadado pelos serviços prestados”. Os autores citados, assumindo distintas perspectivas, deixam claro o quanto a prostituição está diretamente ligada a condições econômicas desfavoráveis que, aqui no Brasil, iniciou-se com a chegada dos portugueses em 1500, quando começou a exploração das mulheres indígenas e, depois, das mulheres negras tratadas como meros produtos de seus senhores, trocadas e oferecidas aos visitantes, além de “servirem” sexualmente seu senhor e quaisquer outro que assim ele exigisse. Muitas vezes trabalhavam à noite em bordéis da cidade para de manhã voltar para a casa dos seus senhores, levando consigo o dinheiro e entregando para aquele. Com o fim da escravidão em 1888, sem dinheiro e sem perspectiva, algumas mulheres acabaram se prostituindo para conseguir o mínimo possível para sobreviver. Nesse contexto surgiram os primeiros cafetões, que nesta época praticamente as mantinham em cárcere privado praticamente dando continuidade ao regime de escravidão que viviam.

Foi dentro deste contexto que a profissão historicamente foi sendo moldada e se configurou dentro do nosso país, em uma sociedade capitalista e patriarcal. Corroborando essas afirmações Torres (*apud* França, 1999) diz que:

“...que a prostituição vem da pobreza geral, da miséria proletária, da promiscuidade, das habitações coletivas, da falta de educação profissional e de trabalho digno e honesto, dos lares desfeitos e defeituosos, do alcoolismo paterno, da infância desarrimada... desvirginadas muito cedo, antes mesmo da menarca, são varridas de casa pelos pais intolerantes e arbitrários, aliam se às más companhias, são ultrajadas pelos patrões sem escrúpulos e pelos chefes que exploram sua dependência... que respeitam o anonimato e não lhes pede qualquer qualificação, a não ser de dotes físicos” (FRANÇA, 1999, p.146).

Entretanto para entender a vida dessas profissionais e o cotidiano da prostituição feminina em nosso país, é preciso saber que há muitas vertentes de análise. Além disso, as próprias mulheres profissionais do sexo, vivem diferentes realidades, possuem valores variados e estão em diferentes condições socioeconômicas. De modo geral, entretanto, é possível afirmar que a prostituição é estigmatizada e coloca as mulheres que a vivem à margem da sociedade (TABUCHI, 2013). Em nossa sociedade a prostituição tende a ser estigmatizada, "carregando um conjunto de estereótipos que cercam a condição e que levam quem a pratica" (PEREIRA, 2015, p.5).

As profissionais do sexo sofrem estigma, que segundo a definição do dicionário Priberam da língua portuguesa, significa marca ou cicatriz perdurável. Para Goffman (1988) o termo faz referência à um atributo em geral muito depreciativo. Em seu livro, este autor demonstra a situação do estigmatizado em suas relações sociais:

“Tem um atributo que o torna diferente do outro, um atributo depreciativo [...] deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN, 1988, p. 12)

De algum modo, a vida das profissionais do sexo, assim se configura numa sociedade que estigmatiza essas mulheres a partir da sexualidade, tornando-as pessoas desacreditadas, num mundo que idealiza normais e não é receptivo com quem possui marcas morais (GOFFMAN, 1988).

Para compreender a prostituição, gênero é empregado como uma categoria analítica que ajuda a compreender o fenômeno, ou seja, serve para captar as relações que se estabelecem a partir do que se entende por mulher, homem, sexo. Aqui, entende-se que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexo, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21). As relações de poder que envolvem o trabalho sexual fazem com que a profissional do sexo seja, muitas vezes, subjugada e tenha calada sua voz na sociedade, além da condição estigmatizada e marginal.

O mercado, em torno da prostituição, organizam-se esquemas e empreendimentos que também contribuem para distinguir as mulheres que exercem a profissão pelo seu enquadramento no mercado do sexo. Gaspar (1985) em seu livro "Garotas de Programa", que resultou de sua pesquisa no ano de 1983 em Copacabana enfatizou e dividiu a prostituição em três tipos diferentes “baixa prostituição”, “média prostituição” e “alta prostituição”, que apresentam entre si importantes distinções. A "baixa prostituição" seria constituído das prostitutas de rua ou da "zona" que, geralmente, é mais exposta/pública e que cobram valores muito baixos por seus serviços e, portanto, numa condição de estarem sujeitas a situações de risco. A "média prostituição" seria aquela que ocorre nas boates, onde a profissional do sexo tem um acordo financeiro com o dono do local de trabalho que, por vezes, pode se tornar seu local de moradia. Já a "alta prostituição" é constituída por profissionais que trabalham por conta própria ou através de agências, também conhecidas como "Fichas Rosa". São prostitutas que têm mais controle da escolha de clientes que irão atender que, por sua vez, costumam ter maior poder aquisitivo, As condições de trabalho são melhores, os locais onde os programas são realizados são melhores e geralmente luxuosos.

Russo (2007, p. 503) diz que "o preço em dinheiro ou a quantidade conseguida na negociação não representa apenas o valor monetário, mas está diretamente ligado ao valor social da mulher". A autora ainda diz, que em uma

sociedade capitalista esse preço do programa, em dinheiro, representa não somente o valor quantitativo como qualitativo da pessoa:

"Nesse sentido, no que diz respeito às mulheres inseridas em relações de prostituição, seria possível afirmar que quanto maior o montante pago para adquirir o serviço por ela oferecido, mais ela se afasta do estereótipo social ligado à figura da prostituta. A própria nomenclatura utilizada se modifica: ela deixa de ser prostituta e passa a ser garota de programa" (RUSSO, 2007, p. 503).

A prostituição em nosso país é por vezes deslegitimada, pois rompe com padrões e modelos de gênero e sexualidade impostos às mulheres. Padrões estes que por vezes vinculam a prostituição feminina à promiscuidade e, explicita uma "recusa a aceitação dos papéis pré-determinados à vivência da sexualidade feminina" (QUEIROZ, 2008, p. 2).

Segundo Pereira (2015), ao longo dos anos várias foram as tentativas de colocar a profissão/trabalho das prostitutas em discussão para inseri-las no campo da cidadania, ou seja, colocar a atividade no âmbito dos direitos trabalhistas e sexuais e não "uma questão criminal ou penal". Hoje, segundo o projeto de Lei nº 4.211/2012, conhecido como "Lei Gabriela Leite", em homenagem a uma prostituta militante dos Direitos Humanos, define a atividade de profissional do sexo:

"Art 1º *Considera-se profissional do sexo toda pessoa maior de 18 anos e absolutamente capaz e que voluntariamente presta serviços sexuais, mediante remuneração."*

De acordo com Pereira (2015), há avanço no modo como as políticas públicas tratam o tema da prostituição hoje se comparado ao passado. Nossa história mostra que a prostituição foi sendo tratada de diferentes formas no âmbito político, social e trabalhista. Rago (2008) em seu livro, cita Armando Prado que, no ano de 1913, com base em um projeto de José Oswald Nogueira Andrade, na ocasião vereador de São Paulo, proposto à Câmara Municipal, que previa a proibição de bordéis em certos

locais como, por exemplo, próximo a quartéis, fábricas, praças, teatros, restaurantes de luxo, ruas movimentadas. Com isso, sucessivamente, os bordéis e a prostituição vão ficando restritos a locais marginalizados e periféricos da cidade. O mesmo projeto também previa o controle das mulheres prostitutas pelo fichamento rigoroso, a partir de suas moradias e obrigando-as a reportarem a mudança residencial.

O projeto era rigoroso ao extremo com as mulheres, que deveriam se submeter à exames periódicos para controle de doenças venéreas. Carrara (1996) em seu livro "Tributo a Vênus" deixa claro e de forma explícita como as políticas públicas no final do século XIX enxergavam a prostituição como a fonte de disseminação de doenças venéreas, mais especificamente a sífilis. "Havia os que defendiam como solução mais eficiente para o problema venéreo a introdução no Brasil de um regulamento sanitário para a prostituição" (CARRARA, 1996, p.166). Já Rago (2008) afirma que "em todos os países onde foi implementado, o regulamentarismo, revelou-se autoritário, violento, produto ineficaz da vontade da domesticação da sexualidade feminina" (p.156).

Domesticar a prostituição também foi citado por Carrara (1996), segundo ele a crença em criar regras para controlar e criar regulamentos sanitários para a prostituição, não era uma ideia nova e surgiu na França. O autor ainda discorre "A prostituição era vista como um mal necessário por impedir que os imperiosos desejos sexuais masculinos atingissem mulheres honestas" (CARRARA, 1996, p. 167). Segundo o autor citado as ações para o controle com a prostituição era realizado pela polícia que visava uma vigilância contínua das atividades das prostitutas.

A partir principalmente dos anos 60, asexualidade feminina passou a ser estudada sob nova perspectiva, com o protagonismo dos movimentos feministas. Até então, gênero e sexualidade eram tabus dentro da nossa sociedade, moldada no sistema patriarcal. A sexualidade pode ser definida como "um processo contínuo influenciado por fatores biológicos, fisiológicos, emocionais, sociais, e culturais que repercute na vida e na saúde dos indivíduos" (SILVEIRA, 2014, p. 9). Além disso, a sexualidade é uma dimensão humana tão importante quanto qualquer outra na qual as pessoas estão inseridas e engloba diversos fatores.

Ao longo da vida e da vivência da sexualidade, nos deparamos e nos

confrontamos com questões da nossa sexualidade que pode ser definida como “potencialmente geradora de bem estar, crescimento, de auto-realização, mas também e, simultaneamente, de conflitos e sofrimento” (VILLAR, 2002, p. 14). Certamente que um dos principais dilemas é o modo como a sociedade, muitas vezes de forma opressora, tenta impor um padrão de sexualidade determinado pelo gênero e que delega ao feminino uma condição de submissão.

O corpo já foi descrito anteriormente sendo “o mundo do corpo e o corpo do mundo” (PEREIRA, 2015), o que significa haver formas distintas de lidar com o próprio corpo que, no caso das profissionais do sexo, é um corpo que existe e é vivido para além da profissão. O corpo é uma mistura contraditória de significações múltiplas que se constroem ao longo da vida:

“A questão do corpo comparece de inúmeras formas na contemporaneidade: o corpo é interrogado, em medicina, pela fisiologia, pela anatomia, pela genética e outras diversas especialidades médicas. Mas o corpo também é de enorme interesse para a antropologia e para a etnologia, na medida em que o corpo, seus ritmos e interações compõem os primeiros fatos culturais. O corpo tem uma dimensão social traduzida em sua materialidade econômica e nas instancias sociais em que o corpo é regulado e instituído” (LAZSLO, 2012, p. 52).

Ainda de acordo com este autor, o corpo é dividido didaticamente na intenção de melhor compreender e demonstrar como não podemos enxergar o corpo como um “bloco”, propondo uma subdivisão do corpo em diversos segmentos que juntos formam uma pessoa, caracterizada como única e insubstituível. O autor divide o corpo em números um, dois, três, quatro e chama de “corpo 1”, o que seria o nosso corpo biológico que ele chama de “corpo objeto”, visto apenas em sua forma anatômica e biológica, deixando de lado qualquer aspecto que não se enquadre nestes, como sentimentos, emoções, a alma em si. O autor define como sendo o “corpo 2”, seria o corpo que o ser humano tanto preza, o de maior valor, aquele que cultuamos, que adoramos, que buscamos a perfeição. Já o “corpo 3” seria a junção do mundo que vivemos, (o corpo biológico “corpo objeto” mais os corpo que prezamos e a cultura que vivemos), toda carga cultural que carregamos ao longo da vida. Por fim, o “corpo 4” seria o corpo visto pelo o que o outro vê, chamado “o corpo

do outro”, ou seja, o modo como nosso corpo é visto, não pelos nossos olhos e sim pelos olhos do outro. O autor ainda define didaticamente e divide o corpo em cinco, seis, sete, e assim sucessivamente, mas para esta pesquisa a definição um, dois, três e quatro são aquelas que mais nos interessa, principalmente o que ele define como o corpo que o outro enxerga, porque este é o corpo que a sociedade julga, e olha para as garotas de programa.

Considerando que “o corpo da mulher é construído, assim como sua subjetividade, para outro a quem deve agradar” (MISKOLCI, 2006, p. 688), podemos apreender que há elementos relevantes para pensar sobre o corpo feminino no contexto do sexo comercial, como lidam com o próprio corpo no contexto da prostituição e nas relações fora dela e como se constitui a subjetividade a partir daí.

Desse modo, o interesse do estudo estava em pensar sobre repertórios que pudessem contribuir para que as profissionais do sexo possam ampliar suas reflexões em torno dessas questões. O trabalho partiu do relato de mulheres cisgêneras¹ profissionais do sexo, considerando a realidade de ser uma sexualidade que ela foge ao padrão hegemônico e de ser um trabalho que pode ser exercido em condições precárias. O objetivo do trabalho foi, portanto, entender o ponto de vista de mulheres profissionais do sexo sobre sua sexualidade, sobre como lidam o corpo e como se sentem em relação ao estigma relacionado à profissão. Buscou-se também produzir conhecimento para produção de uma oficina educativa que pudesse ser utilizada como um recurso no cotidiano da prática profissional.

2. MÉTODOS

2.1. Objetivos

2.1.1. Objetivo Principal

¹A pesquisa elegeu mulheres cisgêneras exclusivamente. Ou seja, as participantes eram mulheres nascidas com vagina, designadas como mulheres e que se identificam com esse gênero.

O objetivo geral do estudo foi compreender como as mulheres vivenciam sua sexualidade e como lidam com seu corpo a partir da sua condição de trabalhadoras sexuais.

2.1.2. Objetivos Específicos

1. O estudo buscou compreender como o estigma afeta a vida das profissionais do sexo;
2. Elaborar uma oficina educativa para discutir conhecimento sobre corpo, com destaque para genitália, numa perspectiva que contemple a dimensão anatômica, subjetiva e cultural das questões de gênero e sexualidade.

2.2. Tipos de estudo e análise

“Entendemos por metodologia, o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MYNAIO, 1997, p.17).

Está é uma pesquisa de método qualitativo que privilegiou as dimensões subjetivas que importam para esse estudo. De acordo com Mynaio (1997):

“O método qualitativo que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam” (MYNAIO, 1997 p. 67).

Foi uma pesquisa de caráter exploratório pois buscou compreender e analisar o que pensam as participantes do estudo, levando em consideração o “vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em número” (KAUARK *et al*, 2010, p. 26).

Esse estudo teve interesse nas questões subjetivas e culturais que envolviam a atividade profissional de três mulheres inseridas no mercado sexual e não pretendeu obter resultados que pudessem ser generalizados para toda a população de trabalhadoras sexuais, mas sim privilegiar em profundidade o universo do estudo na sua singularidade.

Para realização da pesquisa, também foi realizado levantamento bibliográfico que deu ferramentas e embasamento para a realização deste trabalho de campo e para análise.

O procedimento de campo dessa pesquisa qualitativa implicou em realizar entrevistas semiestruturadas com as profissionais do sexo, contendo questões que puderam conduzir ao cumprimento dos objetivos do estudo. Foi utilizado um roteiro (apêndice I) que procurou tratar das dimensões subjetivas e culturais em torno da sexualidade, do corpo, das relações de gênero e da profissão. Foram abordadas questões relacionadas ao estigma da profissão, privilegiando a compreensão das diferentes formas de nomeação (“prostitutas”, “garotas de programa”, “putas”, “profissionais do sexo” etc) e como elas agenciam essas expressões e como o estigma relacionado às nomenclaturas as atingem na vida profissional e social.

Foram realizadas três entrevistas em profundidade com três profissionais do sexo que trabalham na Zona Leste e Centro de São Paulo. As profissionais foram contatadas a partir da rede de contatos da pesquisadora que ministrou aulas de Pole Dance para algumas mulheres que são profissionais do sexo em algumas casas noturnas das regiões citadas acima, com diferentes vinculações profissionais no mercado do sexo.

As entrevistas foram realizadas em dias e horários pré-agendados com as profissionais do sexo e os locais das entrevistas foram escolhidos pelas mesmas, para facilitar os encontros que eram ou perto da residência delas ou próximo do local de trabalho. Tiveram a duração de quase duas horas cada entrevista e foram gravadas em áudio para que nenhum registro fosse perdido e, depois, foram transcritas na forma de narrativas para serem analisadas sob a ótica da análise de conteúdo, a partir de categorias definidas e orientadas pelos objetivos pelo material das narrativas.

O conteúdo das entrevistas foi analisado a partir da elaboração de quadros

comparativos, pensados a partir das categorias analíticas corpo, sexualidade e estigma que orientaram a escolha dos trechos das entrevistas relacionados cujo conteúdo remetesse às temáticas. Com isso, foi possível comparar e identificar o que cada profissional pensava sobre os diversos temas abordados nas entrevistas possibilitando descrever o universo estudado, de forma a atingir os objetivos propostos pela pesquisa.

Foi parte do trabalho a elaboração de uma intervenção educativa, de uma oficina que pudesse, de forma horizontal e participativa, trabalhar o conteúdo gerado com a realização da pesquisa. A proposta de uma atividade desta natureza permite compartilhar saberes e considerar as singularidades das distintas pessoas participantes: profissionais do sexo e (futura) profissional de saúde. A elaboração foi organizada a partir do conteúdo das entrevistas e de pesquisa de material de apoio, além da pesquisa bibliográfica. Originalmente, no projeto de pesquisa, estava prevista também a realização dessa oficina com as participantes do estudo e com outras profissionais do sexo a serem convidadas após a elaboração da proposta. Entretanto, o pouco tempo para realização do trabalho e a dinâmica das entrevistas (remarcações, cancelamentos) impediram sua realização. De qualquer modo, como será descrito adiante, a proposta de oficina elaborada, privilegia recursos lúdicos para discutir corpo, sexualidade, gênero a partir da genitália e procura adotar uma perspectiva metodológica, coletiva e horizontal, que valorize todos os saberes envolvidos.

2.3. Aspectos Éticos

Esse estudo cumpriu as determinações de ética em pesquisa conforme Lei do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução do Conselho Nacional de Saúde, no. 466/12 e complementares), tendo sido submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo, via Plataforma Brasil (apêndice II). As mulheres só participaram do estudo após leitura, discussão e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice III). As participantes foram informadas que poderiam deixar de participar a qualquer momento e que o conteúdo das informações tornadas públicas não permitiriam a identificação delas e nem dos

lugares onde trabalhavam, de forma a garantir anonimato e confidencialidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Perfil das entrevistadas

As profissionais do sexo entrevistadas para esta pesquisa foram alunas de *Pole Dance* da pesquisadora durante alguns meses, trabalhavam nesta ocasião em algumas casas localizadas na região central e também em outras regiões da cidade de São Paulo. Este vínculo ajudou no desenho e interesse da pesquisadora pelo tema desenvolvido no trabalho e também no contato e convite para participarem do estudo. As três entrevistadas reportam, já terem mudado várias vezes de local de trabalho desde que tiveram aulas e uma delas, Atena², relatou que atualmente trabalha por conta própria e atende em “Flats” e “Hotéis”, mas ressalta que anteriormente trabalhou em diversas boates.

Hera, na época da entrevista, tinha 32 anos e Íris tinha 37 anos. Já Atena recusou-se a dizer a idade³. Duas das entrevistadas, Íris e Atena, se declararam solteiras. Entretanto, Atena contou estar em um relacionamento sério. Hera disse ser divorciada. Hera e Íris declararam ter filhos, sendo que a primeira cuida dos três filhos sozinha. Já Íris tem somente uma filha, mas não detém a guarda da mesma. As três participantes declararam ter concluído o Ensino Médio e duas delas com ensino superior. Atena disse ser formada em secretariado executivo e Hera estar no penúltimo semestre do curso de bacharelado em educação física. Durante a conversa sobre estudos, todas enfatizaram a importância de investir nesse campo. O pequeno universo estudado para a realização desse Trabalho de Conclusão de

²Foram utilizados nomes fictícios para as entrevistadas.

³Considerando o tempo que declarou trabalhar como profissional do sexo e sua aparência, a pesquisadora arrisca dizer que ela tinha 32 anos.

Curso parece ser diferente do universo estudado por Passos e Figueiredo(2004), que afirmaram que as profissionais do sexo que participaram de sua pesquisa tinham, em sua maioria, reduzido grau de escolaridade, por dificuldade à acesso a escola e ao abandono precoce dos estudos.

Em relação ao tempo de trabalho como profissional do sexo, Hera contou estar nessa atividade há 5 anos, enquanto que Íris relatou trabalhar na prostituição há 10 e Atena há 12 anos. Esses dados demonstram uma longa permanência delas nesta atividade, o que vai ao encontro com os dados da pesquisa de Aquino et al. (2008, p.431), que afirmam que “essa profissão não é apenas um momento na vida dessas mulheres”.As entrevistadas trabalhavam em quase todas as regiões desta cidade e também no interior do estado. A dinâmica de trabalho de cada participante da entrevista era singular, de acordo com o local onde trabalhavam, o número de clientes que tinham para atender no dia, além de alguns dias que elas tiravam de folga.

Atena e Hera afirmaram ser paulistanas, ainda que Hera, levada pelos pais para outro estado, tenha vivido boa parte da infância e toda a adolescência no interior do Rio Grande do Norte. Já Iris contou ser cearense de uma cidade também do interior desse estado. Íris e Hera afirmam que a cidade de São Paulo foi uma fuga em busca de uma vida financeira e oportunidade de crescimento que não enxergavam como uma perspectiva onde moravam.

Hera declarou levar uma vida simples e que enfrenta algumas dificuldades, trabalhando com a finalidade de sustentar os filhos e os seus estudos, Íris considera que, hoje, vive uma vida financeira estável. Ressaltou, entretanto, que para isso foram anos de trabalho, focada apenas em ajudar os pais e a filha que vivem no Ceará. Atena declarou na entrevista trabalhar muito e viver uma vida de luxo e ostentação.

A dinâmica de trabalho de cada participante da entrevista, conforme relataram, varia de acordo com o local onde trabalham, número de clientes que atendem por dia e dias que descansam. Nenhuma das participantes trabalha no mesmo horário e atende o mesmo número de clientes por dia.

Todas as participante declararam exercer o trabalho como profissional do sexo em tempo integral, ou seja, não exercem outro tipo de atividade

remunerada. Todas também declararam querer mudar de profissão, mas que ainda não seria o momento e que se viam exercendo a prostituição por, pelo menos, mais alguns anos. A prostituição surgiu como uma possibilidade de trabalho na vida de cada uma delas e que a escolha foi motivada por razões diferentes para cada uma.

3.2. Eixos de análise

3.2.1. Corpo e prostituição

O corpo é objeto de estudo de diversos campos do conhecimento científico, estudado tanto na sua dimensão biológica, como na sua visão subjetiva e as representações culturais implicadas nesse corpo. Segundo (CUNHA, 2012), o corpo assume é primordial nas vivências cotidianas e o instrumento com o qual exploram e experienciam o mundo. Neste trabalho buscamos entender as percepções que as mulheres têm de corpo, da dimensão biológica da genitália e, principalmente nas dimensões subjetivas e sociais desse corpo feminino de profissional do sexo. Com isso, buscou-se entender como lidam e enxergam seu corpo, vitrine dos serviços profissionais prestados. De acordo com Silva (2017, p.109), “os corpos são constituídos de uma fisiologia e anatomia, mas também de processos culturais que os marcam bem como definem as subjetividades que sustentam”.

O conteúdo das entrevistas trouxe à tona a preocupação com a estética e com o corpo como instrumento de trabalho, onde é preciso pensar também no desejo do outro, o cliente. Nesse sentido, como colocou Miskolci, (2006) há uma busca por modelos na forma como se lida com o corpo, que está sujeito a imposições sociais difundidas, como pode ser notado também no que Atena que diz:

“hoje eu só tenho sentimentos bons com o meu corpo, eu me sinto belíssima, gasto boa parte do meu dinheiro com o meu corpo e acho que isso me faz muito bem, porque isso me faz bem e faz eu me sentir cada vez mais poderosa, e isso não tem preço”.

Ela privilegia uma ideia de beleza que vai ao encontro dos padrões hegemônicos, tal como estamos acostumados a ver na TV, nas revistas, etc e que não difere muito do que Íris falou durante a entrevista diz:

“sou muito satisfeita com o meu corpo, em tudo. Hoje eu tenho condições de manter um corpo que eu acho bonito. Nem sempre foi assim, eu já tive muita vergonha do meu corpo, mas, hoje depois de tanto trabalho, eu olho para o meu corpo e me sinto linda e gostosa. Não sou mais aquela magrela.”

O corpo bonito é também um corpo bonito para o mercado sexual, que corresponde aos padrões impostos pela sociedade. Sem ser magra e sem ser gorda, sentindo-se satisfeita com o investimento que fizeram para atingir essa satisfação.

Já Hera, afirma “gostar” do próprio corpo, apesar de fazer questão de ressaltar ter “um grande problema”, que faz com que esse corpo ainda não esteja dentro do ideal e fala sobre o investimento empregado para atingi-lo:

“Eu gosto muito do meu corpo, só tem um grande problema, que eu estou lutando contra isso, que é da minha barriga, meu abdome, mas ela melhorou muito, muito mesmo, depois dos exercícios, depois que eu comecei a fazer dieta direitinho, tudo bonitinho. Mas, preciso melhorar e muito”.

São mulheres que se preocupam com a imagem refletida no espelho e não apenas por serem profissionais do sexo. O corpo socialmente idealizado geralmente é uma exigência para as mulheres sentirem-se bonitas, geralmente para os homens. Pelo conteúdo das entrevistas, percebeu-se que o corpo belo, é o corpo “sarado”, bronzeado, lipoaspirado e siliconado. A entrevistada insatisfeita apresenta relatos de que é preciso “fazer tudo direitinho e bonitinho” para atingir a meta de se encaixar

nesse perfil, que segundo Miskolci (2006), significa evitar ser visto como alguém que fracassou.

Desse modo, o cuidado do corpo exige dedicação, conforme relatado por Atena:

“[...] minhas atividades diárias... vou cuidar do meu corpo, faço minhas atividades físicas, bronzamento artificial, tratamento de pele, cabeleireiro. Eu sempre tenho algo para fazer de procedimento estético”.

Nas entrevistas, a preocupação com o corpo está relacionada com a prática profissional, condicionada a uma valorização da juventude, na medida que o envelhecimento é prejudicial ao corpo belo, como relatou Atena:

“mas eu quero futuramente trabalhar, eu não vou ter esse corpinho para o resto da vida, né, e claro que eu tenho que investir em outras coisas.”

No mercado do sexo, o corpo envelhecido, na percepção de Hera, vai perdendo o valor, deixando de ser desejado:

“Hoje a concorrência está muito grande, são muitas garotas, e chega uma certa idade que não dá mais e eu acho que eu estou próxima disso”.

Hera, Atena e Íris relacionam corpo e prostituição apresentando harmonia e satisfação. Entre as entrevistadas, a percepção do corpo apareceu colada a um padrão hegemônico de beleza e valorização da juventude que não é questionado por elas. Ao deixar de corresponder a esse padrão, o corpo pedirá outra profissão. Desse modo, parecem entender que para ser profissional do sexo é preciso ser “bonita e gostosa”, além de jovem dentro de parâmetros idealizados. Inclusive, o valor do programa pode estar diretamente ligado ao tipo de corpo que a mulher têm.

Segundo Russo (2007), as prostitutas têm e controlam seu corpo e dele se utilizam como objeto de troca. Elas trocam o prazer que podem proporcionar, através do sexo, por algo capaz de garantir, mesmo que minimamente, a

manutenção de suas necessidades diárias que variam entre as entrevistadas, com diferentes prioridades e destinação do dinheiro que ganham com a prostituição.

As participantes explicaram detalhadamente que o valor do programa está intimamente ligado ao corpo que deve ser desejado. Por isso, o investimento delas com dietas, academias e tratamentos estéticos. Lopes, Rabelo e Pimenta (2007, p.73) discorrem em sua pesquisa, que as profissionais do sexo utilizam o corpo como um objeto e que precisa ser agenciado como uma “verdadeira arma de sedução, que lhes propicia alcançar seus objetivos financeiros”, como o relato de Atena reforça:

“Eu sinto e vejo que meu corpo para os meus clientes, é um corpo desejado, um corpo apreciado, é a minha ferramenta de trabalho, eu procuro cuidar bem do corpo, porque eu preciso dele.(...) “não me sinto uma pessoa invadida, por exemplo, eu me sinto confortável e bem com o meu corpo.”

Semelhante ao que foi dito por Íris: *“ Eu gosto de como eu sou desejada, eu gosto quando no meio de tantas garotas, o cliente escolhe eu.”*

O corpo é condição fundamental de permanecerem no mercado do sexo, disputado e que depende de estratégias para frequência e manutenção da clientela na lógica de oferta e demanda. Indo além do mercado do sexo, segundo Leite (2009), é do ser humano uma pessoa querer satisfazer sexualmente a outra. Na prostituição, isso se torna uma condição do exercício profissional, sendo o corpo o instrumento.

Há também satisfação por parte das entrevistadas em saber que têm um corpo que será apreciado pelo cliente e que reforça, portanto, a satisfação delas com o corpo e, em particular, com a genitália, como parte central da relação sexual comercial, como demonstra Hera:

“alguns clientes já olharam e falaram: ‘nossa, você tem uma piriquitinha tão bonitinha!’.”

3.2.2. Genitália

O trabalho de pesquisa não se dedicou a trabalhar a genitália feminina a partir de sua dimensão biológica, ainda que entenda que o conhecimento sobre ela seja importante para o auto cuidado das mulheres e para o exercício profissional, dada a frequência com que mantém relações. Essa pesquisa teve o interesse de se aproximar das percepções que as mulheres profissionais do sexo tinham sobre a genitália feminina e também o modo elas se relacionavam com ela, tendo em vista a sua centralidade na prática profissional.

Para entrar no tema, o roteiro de pesquisa utilizado, partia da seguinte indagação: “como a profissional do sexo, que tem tanto contato com a sua genitália percebe e entende sobre?”

As entrevistadas demonstraram pouca familiaridade com a indagação que foi seguida de respostas superficiais e revelando um certo distanciamento do termo técnico “genitália”. Posteriormente, foi pensado que poderia ter sido usados termos do senso comum (“periquitinha”, como dito por uma das entrevistadas, ou mesmo vagina). De qualquer modo, tendo em vista que havia interesse em saber como as mulheres compreendiam seu aparelho genital, para além da vagina, optou-se por manter o termo. De modo geral, as mulheres que participaram do estudo, demonstraram confusão diante do questionamento, como ilustra a reação de Hera:

“estava tentando entender...na verdade eu nunca tinha escutado essa expressão, genitália feminina, realmente isso é novo pra mim.”

Por outro lado, Atena responde à indagação técnica, como outro termo técnico - “clitóris”, simplesmente.

Esse estranhamento, fez com que a pesquisadora tivesse que exemplificar, ainda que preocupada em não induzir as entrevistadas. Após algum detalhamento, Hera responde:

“A primeira coisa que vem a minha mente agora é a minha vagina.”
Muito semelhante ao que Íris responde: *“A primeira coisa que vem à minha mente é Vagina? É isso? Porque eu só consigo pensar nisso.”*

A vagina e o clitóris foram as partes da genitália que as entrevistadas identificaram durante o exercício proposto pela pesquisadora. Focaram na área externa do corpo, naquela mais diretamente relacionada com a prática sexual e também com o prazer.

Passado o estranhamento, as entrevistadas disseram ter um bom relacionamento com a sua genitália como relata Atena:

“Eu me relaciono bem com a minha genitália, e tento ter todo o cuidado possível com ela, afinal, é meu instrumento de trabalho.”

Hera, em um sentido oposto, afirma:

“eu tenho um bom relacionamento com a minha vagina[...] agora quanto aos cuidados, eu vou ser bem sincera, eu estou sendo muito falha.”

Hera relata que quando começou a exercer a profissão, fazia exames regularmente, e sempre se dirigia ao “postinho” próximo de sua casa para realizar consultas periódicas e realizar exames, atualmente a mesma reporta que há algum tempo não realiza consultas/exames.

No caso de Íris, ela relatou que na atual boate onde trabalha, há exigências em relação aos cuidados com a genitália:

“ aqui onde eu trabalho hoje, nós temos que fazer exames periodicamente, os clientes aqui são exigentes, sou muito bem tratada aqui, mas tenho regras para seguir, e uma delas é ir ao médico a cada 3 meses”.

Sérgio Carrara (1996) em seu livro “Tributo a Vênus”, em diversas passagens relata o controle sanitário o qual as meretrizes da época, final do século XIX, eram forçadas a passar, para controlar a disseminação da sífilis no Brasil. A boate onde Íris trabalha, de uma forma mais amena mas não menos invasiva, obriga suas trabalhadoras a realizarem exames também para manutenção de um controle e domínio sobre seus corpos, monitorando suas idas ao médico e acompanhando a realização de exames e os resultados deles. Ainda que a entrevistada entenda isso como um cuidado, nada mais é que uma forma de controle dos corpos das mulheres que ali trabalham, nos moldes descritos por Carrara (1996), que discute a forte tendência ao controle e domesticação da prostituição.

3.2.3. Sexualidade e prostituição

Na prostituição, a prática sexual entre profissional e cliente, envolve muito mais do que sexo e implica em um fetiche pelo sexo pago (Russo, 2007). Envolve também outras questões em torno dessa relação que fazem com que a sexualidade vivida na profissão seja cheia de singularidades. Hera, por exemplo, conta que alguns clientes pagam pelo programa e “nem exigem” ou mesmo não querem sexo. Alguns, segundo ela, pagam pelo programa apenas para conversar com ela, tal como descreve Leite (2009, p.191) que “muitas vezes o sexo é quase uma desculpa para o homem poder conversar com a sua prostituta predileta”, como relata Hera:

“eu sempre me posicionei como profissional, a gente atende para fazer o cliente se sentir bem. Porque, muitas vezes, muitas questões não é sexo, né? Muitas vezes é uma conversa, um desabafo que o cliente procura, eu me sinto não apenas como um corpo, mas como mente. (...) muitas vezes eu sou a psicóloga, a conselheira e ajudo até no casamento do cliente. Às vezes eu ouço tantos desabafos dos clientes, tantas reclamações com relação a vida deles”

O prazer é central no trabalho sexual, ainda que não envolva sexo propriamente. De acordo com o dicionário Holanda (1986), a prostituição é definida como um trabalho com objetivo de gerar prazer, definindo-a como a seguir:

“1. Causar prazer ou satisfação; agradar; aprazer; com prazer; 2. Sensação ou sentimento agradável, harmonioso, que atende à inclinação vital; alegria, contentamento, satisfação, deleite; 3. Disposição cortês, afável, agrado, satisfação; 4. Distração, divertimento, diversão; 5. Gozo”. (Holanda, 1986, 1378)

Para Rago (2008), a prostituição se caracteriza por uma relação que se estabelece entre a prostituta e o cliente mediada pelo comércio de partes do corpo da profissional para usufruto durante o tempo de duração do programa ou até a satisfação do cliente.

De acordo com as entrevistadas, o sexo na prostituição é o elemento gerador de renda, mas não necessariamente de prazer para elas. O prazer do sexo profissional, geralmente, é exclusividade do cliente. Uma das entrevistadas, entretanto, relatou sentir prazer com seus clientes, diferente das outras duas que alegaram nunca terem sentido prazer com os clientes, atribuindo um valor singular ao seu próprio prazer que era restrito aos sexo praticado com seus companheiros ou seus “amores”, como relatado por Atena:

“na profissão, às vezes eu percebo que fica meio mecânico, né. Fica meio que natural, não sei se essa seria a melhor palavra. É como sentar em

um carro e dirigir ele, engatar primeira, segunda, aquilo é automático”.

Sensação semelhante é relatado por Hera, mas focando percepções sobre o seu próprio corpo:

“o sexo no trabalho é totalmente profissional, eu não consigo me lubrificar, tanto que para eu conseguir realizar os programas eu necessito de lubrificante em gel”.

O sexo praticado profissionalmente é cercado de acordos prévios ao ato: preço, tempo do programa e práticas sexuais (Freitas, 1985 *apud* Pasini, 2000) que o tornam diferente do sexo praticado com companheiros ou paqueras. Reforçando essa ideia, Hera em uma de suas falas expressa:

“No trabalho é super profissional, eu vou fazer o cara gozar. Então ele gozou, já era. É uma pessoa que eu não tenho nenhuma afinidade, é uma pessoa que eu nunca vi, é uma pessoa que eu vou realizar os desejos dele, nunca o inverso”.

Considerado como parte do trabalho, Hera defende a produtividade durante sua jornada, deixando claro que “quanto mais clientes ela atender, melhor”. Contou também que muitas vezes entra na boate assim que ela abre e só sai quando ela fecha.

No caso de Íris o sexo apareceu de forma diferente, assumindo gostar de transar, ainda que tenha feito uma distinção do sexo profissional em relação ao sexo fora do trabalho:

“Apesar de eu sentir prazer com os meus clientes, o sexo quando é com um ficante ou com o meu namorado é bem diferente. Mas sexo é sexo, pra mim é bom de todo jeito”.

3.2.4. Sexualidade e Vida Afetiva

“As prostitutas diferenciam as práticas sexuais com os clientes e com os nãoclientes, as quais eram operacionalizadas pelo corpo. Ou seja, no corpo estava colocado aquilo que a prostituta permitiria ou não permitiria durante as relações sexuais com seus clientes. Dessa forma, na maioria das vezes as práticas entendidas por elas como práticas afetivas eram sinônimos de “quebrade contrato” com os homens.”. (Pasini, 2000, p. 16).

As três mulheres entrevistadas assumiram que a sexualidade que vivem na vida afetiva é totalmente diferente da sexualidade vivida profissionalmente. Essa dimensão fica ainda mais ressaltada pelo modo como trazem elementos das relações vividas, como Atena:

“E em casa, com o meu namorado, quando a gente sai, quando a gente tá junto é diferente, tem envolvimento, tem amor, o negócio é muito mais prazeroso” (...) “é diferente, porque a gente se gosta de verdade, então, é um negócio que não é automático, é bem diferente do profissional”.

Íris reforça essa diferenciação apontada por Hera e por pesquisadoras do tema, quando diz:

“quando eu chego no Ceará, eu percebo que o sexo com ele [namorado] é muito mais gostoso”.

Para Pasini (2000), o corpo da prostituta pode trazer a ela um grande dilema: o mesmo corpo desenvolve estratégias de se relacionar com clientes (o sexo profissional) e com parceiros amorosos (o sexo particular). Na entrega do próprio corpo, ela mesma faz essa separação, é uma mulher que consegue distinguir as identidades de um corpo que se entrega por amor, afeto ou tesão e outro que se

entrega por dinheiro. Como vemos no relato de Hera, que narra a partir das percepções de seu próprio corpo:

“Quando é alguém que estou ficando é completamente diferente, porque eu gosto da pessoa, consigo ficar a vontade com a pessoa. Então eu já consigo ficar mais relaxada e eu já consigo lubrificar um pouco.”

É também Hera que percebe uma mudança na sua vida sexual decorrente da atividade profissional e faz uma importante colocação:

“Eu sei que essa minha profissão me afetou sexualmente, porque fora do meu ambiente profissional eu não consigo ter uma vida sexual ativa normal, de boa, que eu me sinta a vontade, que eu fique bem, entendeu? Que eu relaxe”. (...) “Eu acho que vou precisar passar por uma psicóloga, para eu poder conseguir voltar a ser uma mulher normal, a que eu era antes. Que isso [a profissão], querendo ou não, me afetou”.

Segundo Leite, 2009 (p.190), para encarar os desafios da profissão como prostituta, a partir de sua própria experiência narrada em livro. Ela coloca a necessidade de haver “paixão” como “fundamental para suportar as contradições e os chamados ossos do ofício”.

3.2.5. Percepções sobre sexualidade

De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é singular à personalidade de cada pessoa e é também:

“uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade

influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico” (OMS, 1975).

Para Silva (2017), a sexualidade é constituída de vários elementos como as relações sexuais, o erotismo, a intimidade e o prazer e que vai sendo definida na experiência das pessoas, sendo expressada pelos pensamentos, ações, desejos e fantasias, além de articular-se ao gênero.

Ao abordar o tema da sexualidade com as participantes elas demonstraram dificuldade em compreender o que achavam que deveriam responder. As dimensões da sexualidade apareceram de forma significativa, ao longo de todas entrevistas, justamente porque ela não se restringe ao ato sexual, ainda que isso não seja percebido por elas. A palavra sexualidade para elas, entretanto, soou estranha e tiveram dificuldade de definir, conforme ilustra o trecho abaixo, da entrevista de Hera, quando perguntado sobre sexualidade:

“Nossa, acho que não sei responder essa pergunta (...), eu realmente não sei como responder, acho que eu não entendo muito bem o que é sexualidade (...)eu achava que era a mesma coisa que sexo.”

Atena e Íris, respectivamente, como ilustrado abaixo, ao serem indagadas sobre sexualidade, recorrem aos elementos mais familiares, sendo sintéticas ao responderem sobre o assunto:

“eu me sinto confortável e bem com o meu corpo e vivo bem a minha sexualidade”.

“Eu vivo bem com o meu corpo e minha sexualidade, com as opções que eu fiz para mim e para minha vida, e tento relacionar bem minha sexualidade com a minha profissão.”

Também nessa situação, foi preciso uma interferência da pesquisadora para que as entrevistadas não se sentissem “errando uma resposta”, mas com cuidado para não interferir na condução. Assim, foram trazendo elementos que ajudam a compreender essa dimensão na vida delas, particularmente na sua vinculação com gênero.

Um dos sentidos percebidos em relação à sexualidade está relacionado com a ideia de bem-estar e satisfação, que vai ao encontro do que é preconizado pela OMS, como ilustra Atena:

“isso pra mim é uma grande satisfação na minha vida, trabalhar no que eu me dou bem e gosto (...) pra mim, assim, não tem satisfação melhor, né. Na verdade, não tem satisfação melhor, porque eu sou uma pessoa livre, meu corpo é livre (...) é uma coisa que eu faço, que eu escolhi, e que eu gosto de fazer, então além de estar fazendo o que eu gosto, ainda eu estou sendo bem remunerada.”

Hera, complementa a percepção sobre sexualidade, numa perspectiva ampliada, ainda que não reconheça nesses termos, quando afirma:

“agente atende para fazer o cliente se sentir bem, porque, muitas vezes, muitas questões, não é sexo, né. Muitas vezes, é uma conversa, um desabafo que o cliente procura, eu me sinto não apenas como um corpo, mas como mente.”

É também Hera que coloca preocupação com sua saúde sexual, quando se trata, por exemplo, do uso de preservativo no trabalho. Aqui, saúde é trazida para as suas percepções sobre sexualidade:

“Na minha vida profissional, que envolve diretamente a minha vida sexual, eu não faço por dinheiro nenhum, por mais que ele me pague o

dobro, o triplo, o dinheiro todo que ele tiver, eu não faço sem camisinha e nem “chupo” sem camisinha.”

Percebemos que, no sentido apontado por Leite (2009), há um agenciamento do gênero quando Hera, assim como outras mulheres, mostra que não se adaptam às categorias caricaturais de submissão, fragilidade e maternidade. Para a autora citada, inclusive, a prostituição pode tornar-se uma maneira de se rebelar contra tais padrões.

Hera, em sua história, rebelou-se quando descreveu que o real motivo que a levou para a prostituição havia sido o cansaço de ser humilhada pelo marido. Decidiu ir trabalhar em uma boate para conhecer outros homens e ganhar deles o respeito que ela não tinha em casa.

No caso de Íris, destacou-se o prazer em trabalhar como profissional do sexo, tanto pelo fato dela conseguir “dar prazer” aos clientes como pelo prazer de ser escolhida entre tantas outras mulheres disponíveis.

Para Villar (2002), a sexualidade potencialmente pode gerar bem estar, crescimento, auto-realização, ao mesmo tempo que pode gerar também conflitos e sofrimento. Ou seja, o exercício da sexualidade ao longo da vida é responsável por decisões importantes, como coloca Atena:

“[...] depois eu percebi que aquilo começou a mexer muito comigo, “né”. Eu comecei a me interessar demais pela vida sexual e enfim, conheci pessoas que começaram a me seduzir” e completa “No começo era só uma brincadeira, era só um fetiche, era só uma fantasia e depois isso foi se tornando parte da minha adolescência e da minha vida adulta também”

3.2.6. Estigma e Prostituição

A condição social de mulheres profissionais do sexo as coloca, de algum modo, na como “indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”, conforme descreve Goffman, (2004, p.4). As profissionais do sexo carregam o que está inserido na sociedade, que define o modo como vivem a sexualidade como

marca moral que desqualifica as mulheres e as torna desvalorizadas. Costumam estar à margem da sociedade e, suscetíveis a serem discriminadas e julgadas por conta de sua profissão, raramente compreendida pela sociedade como tal, como mencionado por Leite:

“Puta é desde todos os tempos, o ralo da sociedade, e não há nada que possa fazer para mudar isso: “Estou na vida porque gosto de sexo e também não conseguiria o que consegui tendo outra atividade, mas sei que para a sociedade sou apenas uma mulher que não presta”. (Leite, 2009, p.124)

O modo como as entrevistadas preferem ser nomeadas carregam alguns componentes que remetem ao estigma e ao preconceito. Hera prefere ser chamada de profissional do sexo, assim como Atena, enquanto Íris disse preferir ser nomeada como garota de programa.

A prostituta ativista Gabriela Leite em seu livro “Filha, Mãe, Avó e Puta”, publicado em 2009, explora o modo como as prostitutas sofrem com o preconceito e com o estigma diariamente e alerta para o modo como ele pode aparecer de forma velada. A autora exemplifica com relato sobre um encontro em Salvador, para discutir as condições de trabalho das prostitutas, onde um bispo que presidia a mesa de debate composta por várias freiras e por quatro prostitutas, referia-se às profissionais como “meninas”, acatando a orientação da Pastoral que considerava prostituta uma palavra “muito forte”.

Nesse sentido, quando Atena justifica sua escolha, ela deseja enfatizar a profissão, o ofício e sua condição, marcando sonoramente a palavra profissional:

*“Profissional do sexo, profissional do sexo, porque eu sou uma **profissional do sexo**”.*

Para Hera, a identificação como profissional é uma escolha que marca também sua insatisfação com outros modos de nomear:

“Sem dúvida nenhuma como profissional do sexo. Porque é assim que eu me considero, e qualquer outro nome eu não gosto.”

No caso de Íris, sua escolha é pelo termo com o qual tem mais familiaridade, por costume:

“Prefiro ser chamada de garota de programa, porque já estou acostumada.”

Ainda considerando as reflexões de Leite (2009), é preciso ter em conta que o modo como se nomeia a prática dessas mulheres é carregada de significados e valores, tanto para as mulheres, como para a sociedade. Ela afirma que:

“As colegas da América Latina consideram nosso movimento atrasado em relação ao delas, porque elas usam “trabalhadoras do sexo”, e nós ainda não vencemos o preconceito e nos chamamos de “prostitutas”. Eu penso o contrário, parece que mudar o nome é um pedido de desculpas.” (LEITE, 2009, p.158).

Ainda que não tenham verbalizado explicitamente nas entrevistas, as mulheres resistiram a utilizar a palavra prostituta. As justificativas de suas escolhas também podem remeter a isso e, de algum modo, sugerem o que Leite (2009) considera como “vergonha” de usar a palavra prostituta.

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre situações de estigma e preconceito disseram, a princípio, nunca terem sofreram qualquer tipo de preconceito e que não tinham relatos de situações que pudessem compartilhar com a pesquisadora. De algum modo a negação e as colocações que se seguem, apontam para a presença de preconceito enraizado nelas mesmas. Atena e Hera,

respectivamente, como descrito abaixo, negam ter sofrido preconceito – e agradecem a Deus por isso –e também relativizam existir preconceito com a profissão:

“Eu acho que preconceito tem! Tem sim, mas não só na minha profissão, mas em todas as áreas e pessoas (...) eu nunca sofri preconceito, graças a Deus”.

“E graças a Deus nunca sofri preconceito e nem nunca fui testemunha de alguém sofrendo preconceito por causa da prostituição, porque como eu disse anteriormente os clientes nos tratam muito bem”.

No caso de Íris, suas colocaçõesmostram que o estigma existe e se manifesta, inclusive, entre as próprias profissionais do sexo, a quem nomeia “quengas”:

“Sim [existe preconceito], pelas próprias colegas de trabalho, essas quengas aqui mesmo são preconceituosas, desunidas. Por exemplo, às vezes eu falo algo que eu gostaria de fazer, e as próprias colegas de trabalho dizem você não pode, você é garota de programa’.

Leite (2009) debate que o estigma acaba levando a desunião da classe de prostitutas, fazendo com que essas profissionais se isolem dos familiares, não criem vínculos de amizade e as levam a ter o que podemos chamar de uma vida dupla, ou seja, não contam sua profissão para familiares e amigos que tinham antes de entrarem no mercado do sexo.

Entre as três entrevistadas, somente Atena assume sua profissão com todas as pessoas com quem se relaciona. Hera, quando vai falar sobre a sua profissão para outras pessoas, diz preferir falar que “faz bico” porque dessa forma*“as pessoas não sabem qual a minha profissão realmente”*.Íris também não conta para a família sobre sua atividade profissional, porque entende que:

“O preconceito existe, como eu disse por parte de nos mesmas [profissionais do sexo] e pela sociedade, que nos vê como as grandes vilãs.

E eu acho que o preconceito nunca vai acabar, porque as pessoas são preconceituosas por natureza, desde que nasceram”.

As mulheres entrevistadas parecem ter maneiras para agenciar o preconceito da sociedade. Identifica-se que a omissão sobre a atividade profissional possa ser um agenciamento, mesmo que não tenham consciência disso. Hera, por exemplo, diz:

“Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito por conta da minha profissão, mas, talvez seja pelo fato de ninguém saber o que eu faço, então não tem como eu sofrer preconceito se ninguém sabe”.

Assim como Hera, a entrevistada Íris também leva uma vida dupla e mantém sua profissão em sigilo e assume a vergonha de revelar para família sua profissão, indicando a necessidade de manter sua marca moral em segredo:

“Apenas a minha irmã sabe da minha profissão, porque ela também é garota de programa, mas, eu nunca jamais irei contar para a minha família, com o que eu trabalho (...) Eu jamais quero que meus pais ou minha filha saiba que sou garota de programa, seria uma vergonha muito grande para os meus pais e para a minha filha. Jamais vou contar”.

Atena se diferencia, ao acrescentar que sofrer preconceito também está relacionado com escolhas pessoais: *“se sentir discriminado é uma escolha sua também, eu não me envolvo e não me relaciono com pessoa que eu sei que são preconceituosas, eu evito.”* Ela reafirma ser criteriosa com a escolha de suas amizades. Para ela, a aceitação familiar e do parceiro afetivo a fortalecem para enfrentar a discriminação que possa sofrer da sociedade:

“acho que ninguém tem que passar por isso, mas, existe sim com certeza, existe! E pra mim pouco importa, eu não me importo que tenha preconceito o importante é que minha família aceita, né, o meu namorado aceita, então pra mim se existe ou não, ele fica bem longe de mim”.

Leite (2009), diz em seu livro que o preconceito e estigma na vida da profissional do sexo é real e presente na vida das mesmas diariamente *“Sim, porque*

puta, além de doença venérea, não tem outras doenças, somente sequelas de brigas. Assim pensam as pessoas, é esse um dos estigmas” (LEITE, 2009)

4. OFICINA EDUCATIVA

Como mencionado anteriormente, esse trabalho foi concebido com a intenção de elaborar uma proposta educativa, assumindo a importância da temática da saúde sexual para as profissionais do sexo. O interesse na produção desse tipo de atividade entende que é relevante problematizar temas de gênero, sexualidade e corpo de modo que possam também compor a prática profissional da fisioterapia, agregando dimensões culturais e sociais para discutir a genitália feminina a partir das experiências das próprias mulheres, para que possam conhecer melhor o próprio corpo, inclusive anatomicamente.

Para isso, foi escolhido o formato de Oficina que é uma metodologia de trabalho que visa à formação do coletivo, um modo de aprender de forma compartilhada. Segundo Kisnerman (apud OMISTE, 2000, p.178), “a oficina é um âmbito de reflexão e ação no qual se pretende superar a separação que existe a teoria e a prática, entre conhecimento e trabalho e entre a educação e a vida”.

Dessa forma, o material produzido nessa pesquisa, serviu para elaboração de uma proposta de oficina para abordar e problematizar os temas que se destacaram no conteúdo das entrevistas. Assim, parece ser possível compartilhar saberes que partem, de um lado, do conhecimento técnico em fisioterapia da pesquisadora e, de outro, das experiências de vida das participantes, promovendo um encontro. Desse modo, as oficinas podem se tornar “*unidades produtivas de conhecimento a partir de uma realidade concreta para serem transferidas a essa realidade a fim de transformá-la*” (KISNERMAN apud OMISTE, 2000, p.178).

Para cumprir a metodologia proposta, a elaboração da oficina deverá ser negociada previamente com as participantes, inclusive para definição dos conteúdos e interesses.

4.1. Objetivo da Oficina

Realizar uma intervenção educativa para problematizar questões relacionadas à sexualidade e corpo, investindo na saúde sexual de profissionais do sexo, a partir da genitália.

Como objetivos específicos, pretende-se a. discutir aspectos fisiológicos e culturais (gênero, em destaque) relacionados à genitália; b. discutir estigma e preconceito sobre a atividade profissional.

4.2. Participantes

Para garantir participação de todas, o número máximo de mulheres profissionais do sexo, deve ser de 16 e, no mínimo, de 4 mulheres para que possa promover também o debate e a troca entre pares.

4.3. Duração

A Oficina teria a carga horária de quatro horas, dividida em dois encontros de duas horas cada.

4.4. Metodologia

A metodologia adotada para a oficina será pautada na utilização de recursos lúdicos e da experiência de todas participantes, trazidas para a discussão a partir da pactuação e a partir do desenho proposto pela pesquisadora.

No primeiro encontro, está prevista a utilização de um molde de boneca em E.V.A. (tipo de tecido facilmente encontrado no comércio). As mulheres recebem esse molde e inscrevem nele, com canetas coloridas, suas percepções com relação

ao seu próprio corpo, principalmente a sua genitália, mas também explorando outras áreas erógenas e partes do corpo que são importantes para a prática profissional. Após essa etapa, as mulheres trocam os moldes entre elas, e cada uma descreve o que entendeu sobre a produção da outra participante. Depois disso, a pesquisadora fará considerações sobre fisiologia e anatomia da genitália a partir do que surgiu na elaboração dos moldes e trazendo informações técnicas, com linguagem adequada, para o debate.

Num segundo encontro, para trabalhar a dimensão do estigma e preconceito relacionados à prostituição, serão utilizadas pequenas cenas, inspiradas nas entrevistas, que serão lidas para as participantes que serão convidadas a dar continuidade à cena, como por exemplo: “Diana mora com sua mãe que não sabe que ela é profissional do sexo. Um dia, ela ouve uma conversa da mãe com sua prima, comentando sobre uma novela que tinha uma personagem prostituta e ouve a mãe dizer que sentia nojo do que a mulher fazia. A sua prima, por sua vez, comenta; a partir desse ponto, em duplas ou trios, as mulheres são convidadas a dar continuidade à cena. Posteriormente todas elas compartilham as cenas, trazendo elementos para a pesquisadora trabalhar as questões importantes relacionadas ao estigma e ao enfrentamento dele.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral esse trabalho pode abordar três pontos principais: o corpo, a sexualidade e o estigma a partir da condição de trabalhadoras do sexo. As narrativas das mulheres trouxeram outras dimensões importantes como os relacionamentos afetivos, as relações com os clientes e outras.

O trabalho mostrou que as entrevistadas têm pouca familiaridade com alguns termos – sexualidade e genitália. Durante a entrevista, mesmo sem perceber, cada mulher compartilhou suas vivências sobre sexualidade. Em relação à genitália, mostraram desconhecimento com o termo e, de certa forma, com a

dimensão anatômica, referindo apenas a vagina ou clitóris.

Em relação ao estigma na profissão duas das três entrevistadas alegam não sofrerem preconceito e a outra alega que o preconceito é causado pelas próprias profissionais do sexo, que por acharem que são prostitutas, não podem ou não são capazes de realizar algumas atividades. Duas das participantes mantêm em sigilo sua profissão, reconhecendo o risco de revelar uma prática passível de ser julgada moralmente.

Por fim, considera-se que o mais importante desse estudo foi ouvir as histórias de vida e conhecer essas mulheres que exercem uma profissão ainda tão estigmatizada. Coletar suas histórias, conhecendo qualitativamente essas mulheres de um modo distinto ao que comumente relacionado à prostituição (drogas, violência, imoralidades, doenças etc) e que gera maior estigma e preconceito.

As entrevistas e todo trabalho também mostraram a importância de uma intervenção educativa, inclusive porque as próprias entrevistadas afirmaram que algumas questões sobre corpo, sexo e trabalho poderiam ser trabalhadas em espaços com essa finalidade de discussão, a fim de trocarem conhecimento entre elas e com uma profissional de saúde. Assim, essa estratégia parece um caminho a ser aprimorado e incorporado à futura prática profissional da pesquisadora na área da saúde, privilegiando a escuta.

Particularmente, a realização das entrevistas mudou o modo de pensar da pesquisadora que ainda mantinha a ideia estigmatizante de colocar a profissional do sexo em uma posição de vítima, lugar que todas profissionais recusaram, demonstrando serem mulheres protagonistas de suas vidas e decisões.

Assim, esse trabalho é finalizado, como iniciado, com reflexões de Gabriela Leite:

“A prostituição não é uma profissão fácil. A paixão é fundamental para suportar as contradições e os chamados ossos do ofício. Mas até hoje nunca conheci uma puta que largasse a profissão por não gostar dela [...]. O mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente. (LEITE, 2009, p.190).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, v. 17, n. 1, p. 32-47, 2011.

ÁVILA, LazsloAntonio. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. **Tempo Psicanalítico**, v. 44, n. 1, p. 51-69, 2012.

BORIS, Georges Daniel JanjaBloc; DE HOLANDA CESÍDIO, Íris. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Subjetividades**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.

CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa**: Guia Prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe e puta**: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 20, p. 130-142, 1999.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MOURA, Clovis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo, 2004, p. 327.

PEREIRA, Guilherme. **O mundo do corpo e o corpo do “mundo” uma investigação sobre o corpo da trabalhadora do sexo na vida particular e no trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2015.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. SOS Corpo, Recife, 1995.

SILVA, C. G. **Sexualidade e Diversidade Sexual**: diferenças, hierarquias e resistências. In: FINCO D., SOUZA, A. dos S., OLIVEIRA, N.R. Educação e Resistência Escolar: gênero e diversidade na formação docente. São Paulo: Alameda Editorial, p.105-132, 2017.

SILVEIRA, Gabriella Franzoni da et al. Produção científica da área da saúde sobre a sexualidade humana. **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 302-312, 2014.

TABUCHI, Gabriela. **À margem da sociedade, ao centro do capital**: o mercado barato de mulheres – apontamentos acerca do projeto acerca do Projeto de Lei Gabriela Leite. XV Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR, 2013.

TORRES, Gilson de Vasconcelos; DAVIM, Rejane Marie Barbosa; COSTA, Teresa Neumann Alcoforado da Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Revista Latino americana de Enfermagem**, v. 7, n. 3, p. 9-15, 1999.

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso denominada **Corpo, sexualidade, estigma entre profissionais do sexo**, que está sendo desenvolvida pela estudante de graduação de Fisioterapia da Universidade Federal de São Paulo, Vanessa Priscilla de Almeida Adonis, sob orientação da Prof^aDr^a Cristiane Gonçalves da Silva.

Essa pesquisa tem como objetivo compreender como mulheres vivenciam sua sexualidade e como lidam com seu corpo a partir da sua condição de trabalhadoras sexuais e procura entender como o estigma afeta a sua vida. Pretende também realizar uma oficina educativa sobre corpo numa perspectiva que contempla a dimensão anatômica, subjetiva e cultural das questões de gênero e sexualidade e analisar o processo da oficina como uma ferramenta educativa possível para prática profissional.

Sua participação no estudo implica em participar de uma entrevista individual que será realizada em local a ser combinado ou de uma oficina educativa, realizada em grupo, que acontecerá em local a ser informado posteriormente. Datas e horários serão acordados entre participante e a pesquisadora.

O conteúdo das entrevistas será gravado em áudio e transcrito para serem posteriormente analisados. A Oficina será registrada em diário de campo para ser posteriormente utilizados na análise. Somente a pesquisadora e a orientadora terão contatos com esse conteúdo. Nenhuma forma de divulgação dos resultados do estudo permitirão identificação das participantes ou dos locais de trabalho de modo a garantir o sigilo e a confidencialidade em relação a sua participação. Você pode deixar de participar do estudo em qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo.

A participação no estudo não implica em nenhum custo e em nenhum tipo de compensação financeira. Salienta-se que sua participação poderá contribuir para melhor compreender a realidade das mulheres profissionais do sexo em relação a sexualidade, corpo e estigma. Uma das vias deste Termo de Consentimento será assinada pela pesquisadora e entregue para você e a outra assinada por você ficará

de posse da pesquisadora.

Você pode tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa entrando em contato com a pesquisadora pelo e-mail vany.adonis@hotmail.com ou pelo telefone e WhatsApp® (11) 9682-79918. Poderá também entrar em contato com a orientadora da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso através do e-mail cristiane.goncalves.silva@gmail.com ou pelo telefone e WhatsApp® (11) 98529-7970. Você poderá ainda, após agendamento por email ou WhatsApp®, tirar dúvidas pessoalmente com a pesquisadora e/ou orientadora, na UNIFESP Baixada Santista, Unidade Silva Jardim, na Rua Silva Jardim, 136 – 2º Andar, sala 218, Vila Matias – Santos/SP. Também é possível procurar informações junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP, na Rua Prof. Francisco de Castro, n: 55 – 04020-050 Telefone (11) 5571-1062. O horário de atendimento telefônico e presencial do CEP é 2f, 3f, 5f e 6f, entre 9 – 13h.

Consentimento

Declaro ter lido, discutido e entendido os objetivos do estudo **Corpo, sexualidade, estigma entre profissionais do sexo** e que concordo em participar do mesmo, nos termos apontados.

_____, ____ de _____ de 2018

Assinatura da Participante

Assinatura da Responsável pela Pesquisa

(VANESSA P. A. ADONIS)

APÊNDICE II



Continuação do Parecer: 2.906.539

Recomendações:

ATENÇÃO: Será necessário enviar a autorização do proprietário da casa noturna na qual será realizada a pesquisa. (enviar a autorização na forma de "notificação" pela PB, após a aprovação do projeto).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestralmente), e o relatório final, quando do término do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1195541.pdf	17/08/2018 12:58:10		Aceito
Outros	CEP_TCC_VanessaAdonis.PDF	17/08/2018 12:57:44	Cristiane Gonçalves da Silva	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto_Plataforma_TCC_VanessaAdonis.PDF	17/08/2018 12:56:45	Cristiane Gonçalves da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TCC_VanessaAdonis.doc	17/08/2018 12:56:36	Cristiane Gonçalves da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTCC_VanessaAdonis.doc	17/08/2018 12:56:03	Cristiane Gonçalves da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Francisco de Castro, 55
 Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.020-050
 UF: SP Município: SÃO PAULO
 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5539-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br

APÊNDICE III

Roteiro Entrevista Semiestruturada

- I. Conte um pouco sobre a sua história (onde nasceu, com quem morou, onde costumava brincar, infância, adolescência, vida adulta...)
- II. Como é sua vida atualmente? O que faz, rotina, rede de amigos, relacionamentos afetivos, família....)
- III. Qual seu trabalho atualmente? Algo além da prostituição? Qual é o principal? Por que?
- IV. Conte sua história na prostituição. Quando começou, como foi, pessoas que conheceu, desafios...
- V. Como você prefere ser nomeada? Prostituta? Profissional do sexo? Garota de Programa? Outros? Por que? O que significa cada uma dessas expressões para você? E para sociedade? (Lembrar de abordar outras categorias que não aparecem: puta, quenga etc)
- VI. Como é sua vida sexual? Quais coisas interessantes, prazerosas? Quais coisas incomodam?
- VII. Como é o sexo na prostituição? E com parceiros (namorado(a)/ficante/marido(a)/etc)?
- VIII. Como você se vê? Como percebe o seu corpo? Quais sentimentos sobre ele?
- IX. Como relaciona seu corpo com o modo como vive sua sexualidade? E com sua profissão?
- X. Quando eu falo em genitália feminina qual a primeira coisa que vem na mente? Como você se relaciona com sua genitália? Quais cuidados de saúde?
- XI. Qual sua experiência com profissionais e serviços de saúde? Você informa sobre sua profissão? Por que?
- XII. Quais as relações de convívio com a sua família? No momento as pessoas com quem você convive sabem da sua profissão? Por que?
- XIII. Você já foi discriminada por ser profissional do sexo? Você acha que há preconceito com a prostituição? Por que? É possível mudar?
- XIV. Conte uma situação marcante de preconceito/discriminação que você viveu ou que foi vivida por alguma conhecida sua de profissão.
- XV. Como você vê sua vida no presente momento? Você está satisfeita

com a sua vida de forma geral?

XVI. Hoje qual seu maior desejo e planos para a vida em um futuro próximo?

XVII. Você tem pretensão de mudar de profissão? Por que?

XVIII. O que você pensa sobre a regulamentação do trabalho sexual? Conhece o projeto de lei?

XIX. Para finalizar, conte uma história ou fato que você considera marcante da sua vida profissional e um da vida pessoal.

XX. Por favor, deseja falar alguma coisa, antes de encerrar?

APÊNDICE IV

Transcrição das Entrevistas e Notas dos Diários

Entrevista I - ATENA

Notas de Diário e Entrevista

No dia 28 de Setembro de 2018, entrei em contato via telefone com a profissional do sexo, conhecida como Atena, e após explicar sobre meu Trabalho de Conclusão de Curso e os objetivos deste, a mesma decidiu me conceder um horário na sua agenda, para que eu realizasse uma entrevista com ela, neste dia por telefone mesmo, agendamos e combinamos de nos encontrarmos em uma cafeteria muito famosa da região do ABC (Município do Estado de São Paulo), no dia 03 de Outubro de 2018, às 17h00min, (local e horário escolhido pela própria Atena).

No dia marcado eu estava muito ansiosa, pois, após diversas tentativas de entrevista sem sucesso, com outras profissionais do sexo, achei que talvez não fosse dar certo novamente. No horário agendado eu me dirigi à cafeteria e fiquei aguardando a minha primeira entrevistada, após alguns minutos de espera, Atena me envia uma mensagem via WhatsApp, informando que iria se atrasar por conta do trânsito nas imediações do município citado. Após 35 minutos de espera, observo um carro importado de cor prata estacionando em frente à cafeteria e descendo uma bela e imponente mulher, demorei uns instantes para reconhecê-la, estava ainda mais bem vestida e arrumada do que a última vez que havia visto, no ano de 2016.

A mesma entrou na Cafeteria e com um sorriso largo no rosto me dirigiu a seguinte frase “pronta para me ouvir amada?”, e deu risada, e eu respondi sorrindo para ela “mas é claro linda, e quero ouvir tudo o que você tem para me contar”.

Após um longo abraço e beijos a mesma sentou-se à mesa, pedimos um cappuccino e petit four para acompanhar, expliquei sobre o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), e sobre o sigilo da nossa entrevista, e que usaria um gravador para registrar nossa conversa/entrevista, Atena assinou o TCLE, sem questioná-lo. Perguntei se ela tinha alguma dúvida e a mesma respondeu que não. Senti nesse momento que ela apenas queria começar a falar logo, não por pressa de ir embora, mas, sim porque eu estava ali para ouvir um pouco da sua história.

Iniciamos nossa entrevista às 18h33min, neste momento já estávamos tomando nosso segundo Cappuccino, e assim iniciamos nossa entrevista:

Entrevistadora: “podemos começar Atena?”.

Atena: “Sim, sim, podemos, só estou um pouco nervosa”. E deu risada, colocando a mão no rosto, como se quisesse se esconder e continuou dizendo “já fiz muitas coisas na vida, mas, nunca dei uma entrevista” e deu risada novamente.

Entrevistadora: Começo a rir também e peço a ela que fique calma, que é mais um bate-papo do que uma entrevista. Ligo o gravador e inicio perguntando “Rafa me conte um pouco sobre a sua história, onde você nasceu, com quem morou, conte um pouquinho da sua infância e da sua adolescência, até chegar aqui na sua vida adulta”.

Atena: “Eu nasci em um bairro bem pobre de Santo André mesmo, eu morei com os meus pais, meus pais foram casados até meus nove anos, porém, “a gente” tinha uma vida bem conturbada em casa, né! Meu pai e minha mãe nunca se deram tão bem e “a gente” sabia sempre de tudo, que meu pai tinha outra mulher, minha mãe tinha outro homem, “a gente” sabia de tudo né! Então isso fez com que “a gente” amadurecesse mais rápido também, né! Ganhasse a vida adulta mais rápido e por aí eu comecei... eu tive uma infância bem feliz né, na rua brincando, e tudo mais, mas sempre no meio da “mulecaiada”, sempre no meio de todo mundo, enfim, era uma pessoa cheia de amigos e...” (neste momento Atena faz uma breve pausa), e prossegue “Bom o que mais? Basicamente é isso, eu fui feliz na minha infância né, agora atualmente não moro mais com meus pais, já sai de casa há alguns anos né, fui ter minha vida, escolhi minha profissional, enfim, não dependo mais de ninguém hoje em dia, sou muito feliz Graças a Deus”.

Entrevistadora: “E sua adolescência como foi?”.

Atena: “Minha adolescência foi bem conturbada né, porque a minha mãe ela sempre deixou “a gente” muito livre né, então, eu comecei muito cedo na vida sexual, né, por volta dos meus 13 anos”.

“Comecei bem cedo na verdade e no começo era só curiosidade, e tudo mais, mas, depois eu percebi que aquilo começou a mexer muito comigo né. Eu comecei a me interessar demais pela vida sexual, mas depois eu percebi que aquilo começou a mexer muito comigo, né. Eu comecei a me interessar

demais pela vida sexual e enfim, conheci pessoas que começaram a me seduzir, enfim, para que eu fizesse coisas a mais né, no começo era só uma brincadeira, tudo mais, era só um fetiche, era só uma fantasia e depois isso foi se tornando parte da minha adolescência e da minha vida adulta também, quando eu percebi, eu já estava dentro do mundo da “ficha rosa” e fazendo alguns programas e o dinheiro foi algo que me impulsionou muito para que eu quisesse sempre mais e mais, então o que começou como uma brincadeira, acabou se tornando minha fonte de renda e hoje é a minha profissão graças a Deus”

Entrevistadora: “E Atena como é sua rotina, me conte um pouco, do que você costuma fazer no seu dia a dia, porque você deve ter consciência que a profissão que você exerce hoje é um tabu e poucas pessoas falam sobre, porém, há uma grande curiosidade da sociedade para saber como é a vida da profissional do sexo. Então se você puder me conte um pouco do seu dia a dia, se você tem muitos amigos, ou é uma pessoa mais reservada, se você tem algum relacionamento, como é sua família”.

Atena: “Sim, a minha vida é...” ela pensa um pouco, dá um sorriso e prossegue, “hoje é assim, é a vida realmente que eu escolhi, eu acordo as 09h00min da manhã, né. E vou para minhas atividades diárias, vou cuidar do meu corpo, faço minhas atividades físicas, bronzamento artificial, tratamento de pele, cabeleireiro, eu sempre tenho algo para fazer de procedimento estético no meu dia a dia, faço aulas de dança também e depois disso tenho uma alimentação, procuro ter uma alimentação saudável e tudo mais, né,(...) tenho sim, relacionamento claro, tenho amigos, tenho uma vida normal. Uma vida bem agitada, inclusive os dias que eu não trabalho, porque eu não trabalho todos os dias e os dias que eu não trabalho eu procuro ficar com a minha família, com os meus amigos, né. Tenho um relacionamento, já faz alguns anos que eu tenho esse relacionamento, o meu namorado sabe de tudo né, e é bem tranquilo, eu não tenho problemas com isso.

Entrevistadora: “Muito interessante saber que seu namorado sabe e que você não tem problemas com isso, porque em geral as pessoas escondem sua profissão com medo de não serem aceita pelos seus parceiros ou namorado”.

Atena: “Eu nunca escondi do meu namorado a minha profissão e ele nunca foi contra, já teve momentos de sentir ciúmes, mas eu logo coloco ele no lugar dele”

Entrevistadora: “Você tem outro trabalho atualmente? Você exerce outra profissão, além da de profissional do sexo?”

Atena: Não, atualmente eu só me mantenho mesmo como garota de programa de luxo né, essa profissão assim, é o que eu gosto de fazer, além de tudo, eu me mantenho bem, consigo ter a minha tranquilidade financeira, enfim e eu não tenho outro trabalho, no meu tempo livre eu estudo, faço inglês, faço dança e fiz faculdade também, estudei, fiz secretariado executivo, não atuo na área agora, mas trabalhei, acredito que não fui tão feliz, quanto sou agora né, e enfim, isso pra mim é uma grande satisfação na minha vida trabalhar no que eu me dou bem e gosto”

Entrevistadora: “ E você acha que a sua felicidade está relacionada ao valor financeiro, que você tem por exemplo, no final do mês? Ao valor que você recebe de cada programa?”

Atena: “É... ela está relacionada a isso também, mas, é uma coisa que eu faço, que eu escolhi, e que eu gosto de fazer, então além de estar fazendo o que eu gosto, ainda eu estou sendo bem remunerada, né. Então pra mim assim, não tem satisfação melhor, né. Na verdade, não tem satisfação melhor, porque eu sou uma pessoa livre, eu não tenho que bater ponto, não tenho que bater cartão, eu divido os meus clientes, eu faço meu horário. O dia que eu não estou a fim eu não vou, o dia que eu não quero eu não vou. Claro! Tenho compromissos, tenho pessoas para atender, mas geralmente quando você faz o que você gosta, e não tem um patrão, é diferente... você não tem aquela obrigação e nem cobranças de chefe, você faz porque é seu trabalho e pronto. Eu sou minha chefe”.

Entrevistadora: “Você usou o termo garota de programa de luxo, esse é o termo que você utiliza para se auto denominar ou esse é o termo que as pessoas usam quando se referem a você?”

Atena: “Sim, as pessoas é...As pessoas nunca vão falar garota de luxo, ou melhor, garota de programa de luxo, as pessoas vão falar prostituta, vadia, vagabunda e etc. Independente de como as pessoas falam, todas são trabalho, sendo de luxo ou não, todas são trabalho, todas nós trabalhamos da mesma forma”

Entrevistadora: “Atena me conta um pouco da sua história na prostituição. Quando você começou? como foi? se foi difícil? se foi fácil? as pessoas que você conheceu. Você teve algum desafio no começo?”

Atena: “Sim, no começo eu não entendia muito bem o que eu queria para minha vida, eu não entendia muito bem. Na verdade eu saia muito, era muito de balada, sempre estava acompanhada de “gente” bonita, de bebida, de droga, prazeres instantâneos, ali na hora, que depois aquilo acaba, né. E no começo era muito bom, aquela farra, aquela festa e tudo, eu saia com um, saia com outro né, só que isso não me deixava feliz, porque no outro dia era só ressaca e solidão e o principal sem

dinheiro!E ai depois disso eu conheci algumas pessoas, que elas, enfim, começaram a me apresentar o mundo da prostituição, elas falavam que eu era bonita, se derrepente eu não tinha jeito para isso, sei lá... se eu não pensava em ganhar dinheiro com algo mais prazeroso e tudo mais, conheci nessa época pessoas maravilhosas, conheci pessoas ruins também, que me levaram para ter experiências ruins. Graças a Deus, assim ... eu sempre tive proteção de Deus, de não cair em péssimas mãos e me sentir usada, enfim, sentir o meu corpo sendo manipulado de uma forma ruim né, graças a Deus eu não tive experiências assim, aí foi a partir daí que eu decidi, investir no meu corpo, na minha saúde física para que pudesse selecionar melhor os meus clientes, para que eu não precisasse pegar qualquer coisa e levar “pro” quarto, enfim, pelo menos eu tenho algumas condições. Hoje eu posso impor algumas condições”

Entrevistadora: “No começo não era possível impor essas condições ou selecionar seus clientes?”

Atena: “Sim, no começo eu não tinha como selecionar, então, era qualquer coisa, aquilo era muito ruim né, eu tive sorte na verdade, eu diria que eu sou uma garota que teve sorte, de ter homens maravilhosos, que não fosse esses “trabucos”,que você olha na rua e entra em qualquer “vintão” (quando Atena fala em “vintão”, ela se refere aos pequenos prostíbulos, onde as profissionais do sexo recebem apenas 20,00 reais pelo programa). E o cara vem te pagar de qualquer jeito, enfim, sujo, imundo, nojentos, bêbados, crackeiros, então, graças a Deus eu tive muita sorte, porque nem todas tem essa sorte, muitas passam por traumas, muitas são “judiadas”, né. Eu nunca apanhei, por exemplo, de ninguém, nunca apanhei, nunca tive nenhum tipo de problema relacionado a violência. E ai fui me interessando, me interessando, fui estudando sempre paralelamente, fiz outras coisas, tentei trabalhar em outros lugares, mas, não deu certo e foi isso”

Entrevistadora: “Não vou perguntar quanto você cobra em cada programa, mas em um mês bom, um mês que você diria que foi rentável para você, quanto você mais ou menos consegue ganhar no mês? Você pode responder essa pergunta, ou isso é algo que você prefere não dizer?”

Atena: “Sim, não tenho problemas em dizer o quanto eu ganho, em um mês bom eu tiro por volta de vinte e dois/ vinte e três mil reais, em um mês bom. Isso sem muito esforço tá? eu não saio todos os dias, eu não faço programa todos os dias, eu trabalho com agenda, então isso em um mês razoável, tá?. Em um mês bom eu consigo tirar isso”

E continua:“Mas por média se não for um mês muito bom, eu consigo tirar uns quinze mil por mês, por aí. Então hoje eu tá tenho minha vida, tenho minha casa, meu belo carro, eu consigo me manter muito bem, com conforto, e tudo o que eu quero eu tenho”

Entrevistadora: “E você falou que tem um namorado ou noivo?”

Atena: “Ele é meu namorado”

Entrevistadora: “E ele sabe?”

Atena: “Sim, ele sabe”

Entrevistadora: “Ele também é garoto de programa, ou ele tem outra profissão?”

Atena: “Não, não, ele tem outra profissão, ele é profissional da música, outra profissão e talvez por isso, também né, pelo fato dele ser um profissional, artista, né, talvez ele aceite melhor, porque no começo, eu tinha medo, quando eu me relacionei, eu tinha medo que ele não aceitasse, né, mas, ele tem a cabeça aberta graças a Deus, ele vê realmente como uma profissão, né. E como eu sempre estou pagando as contas, também, isso é bem importante, né”

E continua:“Eu não dependo dele, não dependo de nada, muito pelo contrario ele que depende de mim para a carreira dele, então ele sabe, foi a escolha que eu fiz, ele gosta de mim dessa forma, e é isso. Eu me previno muito bem para que eu não seja contaminada por nenhuma doença ou gravidez, ou coisas desse tipo. Eu faço é... como que fala? acompanhamento com o medico sempre e é isso, graças a Deus é bem tranquilo a minha vida”

Entrevistadora: “E como você prefere ser nomeada ou chamada, prostituta, puta, garota de programa, profissional do sexo, ou de outra forma?”

Atena: “Profissional do sexo, profissional do sexo, porque eu sou uma profissional (Atena enfatiza bem o termo profissional, deixando claro o quanto é profissional em seu trabalho) do sexo, então, eu sou profissional, independente de qualquer coisa, eu escolhi isso para mim, e é uma profissão, acho até que deveríamos ter carteira assinada, né. E todos os direitos, enfim, porque acho que deveria ser uma profissão reconhecida no ministério do trabalho, né. O que não é!”

Entrevistadora: “ Mas você sabia que tem um projeto de lei em andamento...” e antes mesmo que eu terminasse Atena me interrompe e continua falando:

Atena: “Sim, eu conheço o projeto, já ouvi falar sim, está tentando legalizar a profissão, mas, nada sai do papel, né”

Entrevistadora: “Como é sua vida sexual? Quais coisas interessantes, prazerosas, quais coisas te incomodam? Tem alguma coisa que te incomoda?”

Atena: “Não, não tem nada que me incomoda” (...) Sim, tem coisas que me incomodam, eu tive alguns clientes que já me propuseram algumas coisas que eu acho... eu não aceito! Assim, por exemplo, (Atena para e pensa um pouco e parece constrangida) urinar na cara, enfim, esse tipo de coisa, pedir para eu urinar, pediu para eu defecar na cara do cliente, enfim, eu acho isso um horror, né, um absurdo eu não tenho a mínima vontade de fazer isso e não faço, do restante, assim, não tem nada que eu tenha tabu, que eu fale “Ah, não”. É lógico também, na verdade todos meus clientes tem contrato com o que querem, com o que eu permito, eu seleciono. Até o meu serviço, o meu trabalho, o que eu vou fazer e como eu vou fazer eu seleciono, na verdade eu diria que todos os meus clientes e até clientes novos, quando me procuram, são por indicação “né” de outros, e eles já sabem das minhas condições, então, aceita se quiser, se não quiser não aceita e aquilo acaba, até que virando rotineiro são sempre os mesmo clientes, e tudo mais... Então, acaba que eu posso limitar o que eu não gosto, agora quando vem cliente novo e não é por indicação, é claro que as vezes o “cara” me pede uma coisa que eu nunca fiz, eu tento realizar a fantasia dele, porém, dentro do meu limite, agora esse tipo de coisa que eu te falei eu realmente não faço e não gosto. Eu também não sou muito fã de sadomasoquismo também, de ficar batendo, “judiando” do cliente, enfim, enfiando salto no cliente, esse tipo de coisa eu não gosto, porém eu faço”

Entrevistadora: “O sexo no seu trabalho é diferente do sexo que você faz, por exemplo, com o seu namorado? Tem diferença o profissional do pessoal?”

Atena: “É diferente!”

Entrevistadora: “O que?”

Atena: “Na verdade é diferente, talvez, porque na profissão as vezes eu percebo que fica meio mecânico, né. Fica meio que natural, não sei se essa seria a melhor palavra, é como sentar em um carro e dirigir ele, engatar primeira, segunda, aquilo é automático, né. E em casa com o meu namorado, quando a “a gente” sai, quando “a gente” tá junto, é diferente, tem envolvimento, tem amor, o negócio é muito mais prazeroso, né! Tem calor, tem emoção, lógico que “a gente” fala palavrão como eu falo com os meus clientes também na hora do sexo, “a gente” brinca e tem fantasias como um casal normal. Mas respondendo a sua pergunta é diferente, porque “a gente” se gosta de verdade, então, é um negócio que não é automático, é bem diferente do profissional”

Entrevistadora: “Como você se vê, como você enxerga e percebe seu corpo, e quais os sentimentos que você tem em relação ao seu corpo?”

Atena: “Como eu me vejo? Poderosa! Poderosa! Viva e independente, não dependo de ninguém, faço o que eu quero com o meu corpo, quando eu quero e a hora que eu quero, hoje eu só tenho sentimentos bons com o meu corpo, eu me sinto belíssima, gasto boa parte do meu dinheiro com o meu corpo e acho que isso me faz muito bem, porque isso me faz bem e faz eu me sentir cada vez mais poderosa, e isso não tem preço”

Entrevistadora: “E como você relaciona seu corpo com o modo como vive sua sexualidade? E com a sua profissão?”

Atena: “Eu sinto e vejo que meu corpo para os meus clientes, é um corpo desejado, um corpo apreciado, é meu corpo de trabalho, é a minha ferramenta de trabalho, eu procuro cuidar bem desse corpo, porque eu preciso dele. Mas do contrario eu não me sinto uma pessoa invadida, por exemplo, eu me sinto confortável e bem com o meu corpo e vivo bem a minha sexualidade”

Entrevistadora: “E quando eu falo em genitália feminina, qual a primeira coisa que vem a sua mente?”

Atena: “Clitóris!”

Entrevistadora: “E como você se relaciona com a sua genitália?”

Atena: “Tranquilo! Muitos clientes as vezes, alias nem sempre eu quero ter orgasmo, nem sempre eu estou disposta, as vezes eu só quero terminar meu trabalho, mas alguns clientes, principalmente os mais antigos, os que já saem comigo há muito tempo, o cliente quer que você tenha orgasmo e claro que eu me relaciono muito bem com o meu clitóris, para que eu tenha mais facilidade para chegar ao orgasmo, tem formas para manusear as coisas e chegar mais facilmente ao orgasmo, e as vezes eu simplesmente não consigo e aí para satisfazer a vontade do cliente eu finjo, sem problema nenhum. Mas é tranquilo, eu conheço bem o meu corpo, sei todos os pontos que eu tenho que tocar, enfim para que eu tenha essa satisfação”

Entrevistadora: “Qual sua experiência com profissionais e serviços de saúde, você informa sua profissão quando você vai a um profissional da saúde?”

Atena: “Sim, informo. Eu informo principalmente porque, eu preciso que seja tudo bem claro, e que eu deixe tudo bem claro, por exemplo, às vezes você vai ao ginecologista, uma pessoa comum e o médico pergunta você tem relação com quantos parceiros? Um, dois ... Então eu acho importante ele saber, eu não preciso contar quantas pessoas eu tenho relação sexual, mas, ele tem que saber que meu corpo é bem utilizado, né. Então eu sempre falo a verdade, sim! Mesmo porque eu preciso de proteção, eu preciso de orientação, eu preciso estar com o meu corpo bem, então eu preciso da

melhor orientação possível do profissional da saúde. Porque eu não tenho problema com isso, já que eu escolhi isso, para minha família é claro, para todo mundo, todo mundo sabe o que eu faço, eu não minto para ninguém, eu não mantenho essa profissão em sigilo, todo mundo sabe tudo o que eu faço, mesmo porque fui eu que escolhi eu não tenho porque mentir, ou, enfim, principalmente para médico “magina”, ele está ali justamente para me orientar, e como eu devo cuidar do meu corpo”

Entrevistadora: Você já foi discriminada por ser profissional do sexo? Você acha que há preconceito com relação à prostituição? Por quê? E se existe, se isso é possível mudar?

Atena: “Eu acho que preconceito tem! Tem sim, não só na minha profissão mas em todas as aéreas e pessoas, “né”. Se você é gordo, é porque você é gordo, se é magro é porque você é magro, enfim, eu acho que preconceito existe. Só que isso também, fazer parte desse meio e se sentir discriminado é uma escolha sua também, eu não me envolvo e não me relaciono com pessoa que eu sei que são preconceituosas, eu evito esse tipo de intoxicação, eu diria, porque isso não é agradável pra mim, não me faz bem e nem faz bem para as pessoas que eu convivo, né. E acho que ninguém tem que passar por isso, mas, existe sim com certeza, existe! E pra mim pouco importa, eu não me importo que tenha preconceito o importante é que minha família aceita, né, o meu namorado aceita, então pra mim se existe ou não, ele fica bem longe de mim. Eu acho ruim, acho que as pessoas tinham que repensar, mas assim, as pessoas são diferentes, criações são diferentes, a educação é diferente, então, cada um nasce dentro de uma família que vai plantar ou não o preconceito, né, então, tem coisas que são enraizadas no ser humano, “a gente” não pode mudar o mundo”.

Entrevistadora: “Apesar de você evitar se relacionar com pessoas que são preconceituosas, você já viveu alguma situação marcante de preconceito, com você mesma ou com alguma colega de profissão?”

Atena: “Sim! As vezes dependendo do lugar que você vai, se você chama atenção, enfim, mesmo quando eu não estou trabalhando, porque quando eu estou trabalhando as pessoas que estão comigo é entre quatro paredes e não tem preconceito as vezes você vai em um lugar e você está bem vestida, bem arrumada, e as pessoas já te olham de outra forma. Por exemplo, eu já fui algumas vezes acompanhante e me senti constrangida, o cliente escolhe ir a um jantar familiar ou jantar beneficente e aí eu cheguei no lugar e me senti sim constrangida, porque eu vi que tinha muitas puritanas, ou falsas puritanas que me olharam de cima em baixo, ficavam comentando uma com a outra e tal, e eu nem estava com roupa tão extravagante, né, mas, pelo jeito de eu me portar, enfim, vi também pelo cliente ser um cliente mais velho, e aí está com a menininha e aí já pensam... Lógico ninguém sabia, ele falou para todos que eu era a namorada dele, mas é claro que todo mundo sabia que eu não era que eu só uma acompanhante mesmo, né, e aí fica aquele “ti-ti –ti”, todos comentando, né, fica um mal estar. Na verdade, me senti muito mal, tanto que depois dessa vez eu decidi não fazer mais esse tipo de serviço, acompanhar em programas beneficente, jantar familiar, porque eu realmente me senti muito constrangida”.

Entrevistadora: “No presente momento você está satisfeita com a sua vida de forma geral?”

Atena: “To satisfeita! To satisfeita, mas eu quero futuramente trabalhar, eu não vou ter esse corpinho para o resto da vida, né, e claro que eu tenho que investir em outras coisas, eu gosto muito de animais eu quero trabalhar futuramente com bicho, sei lá, abrir um Pet, ou um hotel de cachorro, alguma coisa nesse sentido, porque eu gosto muito de bicho é uma coisa que vai me satisfazer e eu vou poder continuar essa profissão quando eu estiver mais velha, mas quero ter meu próprio negócio, pra também eu não ter que ficar me matando de trabalhar, por isso que eu estou me matando de trabalhar agora, me matando entre aspas, né. Eu estou fazendo todos os meus investimentos pra que futuramente, eu não precise mais, mesmo porque é o que eu falei, a minha ferramenta de trabalho é o meu corpo, e o meu corpo não vai estar lindo e perfeito para que eu utilize ele o resto da vida”

Entrevistadora: “No início da nossa entrevista você falou sobre a regulamentação da atividade da profissional do sexo, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a regulamentação da profissão?”

Atena: “Eu gostaria de falar que eu acho importante e necessário, acho muito necessário, acho que é um trabalho é que tem que ser reconhecido. Acho necessário! E o que mais? (Rafaella para e pensa alguns instantes e continua), só isso, eu não tenho muita coisa para falar sobre isso”.

Entrevistadora: “Conte uma história ou fato que você considera marcante da sua vida profissional e da sua vida pessoal”

Atena: “Da minha vida profissional acho que o fato marcante foi quando eu deixei de trabalhar em uma boate em Campinas e passei a trabalhar por conta própria, então como eu disse, eu hoje faço minha agenda, meus horários, escolho meus clientes, mas, isso só aconteceu porque eu decidi trabalhar por conta própria e foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida profissional. Outro fato marcante pra mim, era alguns sonhos que eu tinha e que hoje eu consigo realizar, por exemplo, antes eu tinha vontade de sair para fora do país, fazer compras e tudo mais, e hoje eu já realizei, né, eu

consigo pelo menos uma vez no ano, eu saio para fora, escolho para onde eu quero ir, tiro umas férias merecidas, né, e faço minhas compras. Compro o que eu quero, me divirto, e conheço outros lugares”

Entrevistadora: “Antes de encerrar tem algo que você gostaria de falar, que eu não perguntei?”

Atena: “Não, eu queria agradecer, né, a sua disponibilidade de fazer esse trabalho, né. E agradecer, agradecer pela conversa, saber que você... mesmo a nossa profissão sendo tão diferente, enfim, eu acho que é importante saber que você valoriza o meu profissional, que você me valoriza como profissional e me escolheu para fazer o seu trabalho, então muito legal. E obrigada”.

Termino a entrevista agradecendo a Atena pela paciência e por ter concedido a entrevista.

Entrevista II - HERA

Notas de Diário e Entrevista

No dia 30 de Setembro de 2018 às 20:00 marquei de me encontrar com Hera, para realizar mais uma entrevista para este trabalho, após diversas tentativas frustradas, finalmente havíamos conseguido um horário que fosse compatível para ambas.

Hera não foi escolhida, ao acaso para esta entrevista, ela foi uma das garotas de programa que eu havia conhecido no ano de 2016, em um “vintão” (Prostíbulos que cobram apenas vinte reais o programa), no centro de São Paulo, próximo a Liberdade. Me lembro perfeitamente do dia que a conheci, fui dar aula de pole dance, nesta boate por indicação do dono de outra boate à qual eu já havia dado aula, que dizia que seus lucros tinham aumentado depois que “suas meninas” começaram a fazer shows para os clientes, ao entrar na boate que tinha o nome de “2001”, senti um peso sobre as costas como se a energia do local fosse mais pesada, um local escuro e mau cheiroso, clientes circulando de um lado para o outro e as garotas de programa na escadaria com roupas curtíssimas. O local era bem diferente do que eu estava acostumada a dar aula, mas, mantive a calma e continuei andando. Assim que eu cheguei, fui recepcionada por uma mulher muito bonita, cabelos longos, corpo bem feito, e se apresentou como dona do estabelecimento.

Depois de conversar com as meninas vim saber, que aquela era a cafetina, dona de mais três estabelecimentos, e que boa parte do dinheiro que elas ganhavam ficavam com a Cafetina.

Ao entrar no salão onde estava localizada a barra de pole dance, logo de cara pude observar uma moça franzina e sentada bem no cantinho como se quisesse se esconder, de mim, da cafetina e até dos clientes.

Logo, Carla (a cafetina), chamou todas as meninas e praticamente obrigou todas as participarem da aula, muitas não queriam estar ali, e nem participar da aula, mas, teve que fazer, Hera me chamou atenção logo de cara por conta do seu biótipo físico, e porque na primeira aula se mostrou muito dedicada e com uma facilidade imensa de aprender, não é fácil fazer pole dance, exige força, concentração, e ela tinha tudo isso de sobra. No final da aula a elogiei e a mesma me relatou que tinha muita força porque fazia faculdade de educação física.

Dei aula nesse “vintão” por mais de três meses, e pude ouvir várias histórias de vida, algumas sempre acompanhada de muito sofrimento, pobreza e desilusões amorosas. Mas Hera era uma das poucas que nunca contava nada de sua vida, com o passar do tempo, ela sempre estava disposta à fazer as aulas e sempre com um sorriso no rosto, mas, mantinha a discrição e preservava sua história de vida.

Quando comecei a pensar quais seriam as minhas entrevistadas para este trabalho, me veio de imediato a figura de Hera, minha curiosidade para saber mais da sua história de vida, fez com que eu entrasse em contato com a mesma, foi quando descobri que a “2001”, já não existia mais, uma denúncia anônima, fez com que a polícia fechasse o estabelecimento.

Hera de imediato topou dar a entrevista, gostou da ideia e disse que queria falar e seria uma honra, o que não conseguíamos era um horário para realizar a entrevista, Hera estava sempre trabalhando, e eu com os afazeres do estágio, faculdade e dando aula.

Após inúmeras tentativas, e quando digo inúmeras, foram inúmeras mesmo, conseguimos agendar um horário em um domingo a noite, em uma rede de fastfood muito famosa aqui no Brasil. Às 20:00 horas em ponto, Hera chegou ao local combinado, e sempre tímida, apenas me deu um abraço e se sentou. Durante nossa entrevista, algumas vezes Hera se emocionou, chorou e em algumas perguntas se mostrou tímida e envergonhada. Era minha segunda entrevistada e, percebi que falar e expor a própria vida, não é, e acho que nunca será algo fácil e confortável, independente da situação.

Entrevistadora: “Tudo bem Hera?”

Hera: “Tudo ótimo, só um pouco nervosa, ansiosa, sei lá”

Entrevistadora: “ Em primeiro lugar, eu quero agradecer imensamente por você ter aceitado meu convite, e ter tirado um tempo do seu domingo para me conceder essa entrevista, em segundo lugar eu quero deixar alguns pontos bem claros para você e qualquer dúvida que você tenha é só me perguntar, eu estudo na universidade federal de São Paulo, e essa entrevista que vou realizar com você é para o meu trabalho de conclusão de curso, e eu gostaria que você lesse esse termo de consentimento, aqui explica para você que tudo o que você falar é única e exclusivamente para o trabalho acadêmico, eu gostaria que você fique à vontade para fazer perguntas e espero que você possa me contar o máximo possível da sua história, ok?”

Hera: “Nem precisa me agradecer, eu que agradeço por você ter me escolhido”

Neste momento eu leio e explico o termo de consentimento livre e esclarecido , Hera assina o termo de consentimento, e diz que está pronta para começar a entrevista.

Como eu já conhecia Hera, pergunto para ela se, ela prefere ser chamada de Paulinha (que foi como à conheci), ou de Hera, ela diz que hoje prefere ser chamada pelo próprio nome Hera, sem apelidos.

Entrevistadora: “Eu gostaria que você me contasse um pouquinho sobre a sua história, sua história de vida, sua infância, sua adolescência, com quem você morou, onde viveu, enfim, que você me contasse um pouco de tudo isso, até chegar a sua vida adulta”.

Hera: “É uma história “meia” triste, mas vamos lá, eu fui adotada por uma família, não conheci meus pais verdadeiros, e a minha mãe já era uma senhora um pouco de idade, então, eu recém nascida fui “pegada” no hospital para ser criada, e foram meus irmãos que me pegaram para criar, porque já eram todos adultos, eles “achou” necessário me adotar, para ser uma companhia para minha mãe, que ela não queria morar aqui, ela queria morar no interior do Rio Grande do Norte, se aposentar. E como todos os filhos dela , já estavam casados, cada um já tinha sua vida, eles não queriam que ela ficasse sozinha, portanto eles me adotaram. E eu vive minha infância uma parte em São Paulo, depois nos mudamos para Brasília, meus pais eram bem severos, eu apanhava bastante deles, bem severos mesmo. E minha mãe foi uma mãe durona, eu sabia que ela tinha um amor por mim, mas, ela nunca demonstrava, isso me frustrava muito, eu era a única criança da casa, me sentia muito sozinha, e aos 10 anos ela me levou para o interior do Rio Grande do Norte, e lá “agente”, fez bastante amigos, mas, lá era outra realidade, totalmente diferente daqui, “né”. E assim, minha mãe como sempre muito dura comigo, ela me maltratava muito com as palavras, as vezes eu acho que ela não falava na maldade, falava por impulso, por consequência disso eu me tornei uma pessoa muito carente em todos os sentidos por causa disso. Foi uma infância difícil, eu confesso que eu não era uma criança fácil eu era uma criança muito difícil, eu me sentia rejeitada pela minha mãe adotiva e rejeitada pela minha mãe biológica, que é um instinto que carregamos desde que nascemos e sentimos desde a gestação, quando não somos bem vinda ao mundo, é assim que eu sempre me senti. E daí, então, “agente” morava no interior, uma vida bem humilde, bem simples, bem sofrida, que tudo era difícil, “né”, tinha que pegar água de cacimba, açude, para ir para a escola eu tinha que ir a pé, porque era muito longe e não tinha ônibus, então eu andava 5 km para ir e 5 km para voltar, com a turminha de colegas. E meu pai era muito rígido, eu apanhava muito, até se eu me atrasasse para chegar da escola e eu não podia responder e nem falar nada, mas, mesmo assim eu era um pouco rebelde. Meu pai era alcoólatra, e eu vi muitas vezes ele batendo na minha mãe, xingando e tudo na minha cabeça acabou influenciando nas minhas decisões no futuro. E eu sempre falava para a minha mãe que eu não queria viver aquela vida , eu queria morar aqui em São Paulo, porque aqui eu teria um futuro, eu iria, ter um emprego bom, eu ia estudar, eu ia fazer uma faculdade, e lá eu não teria futuro nenhum, eu sempre ficava falando isso. Só que aí na adolescência, aquela coisa de interior, acabei me envolvendo com uma pessoa lá com 19 anos, e eu acabei engravidando, e aí meus sonhos foram para o “ralo”, e aí começou meu sofrimento, foi a partir de então, que eu tive meu primeiro filho, meu marido não queria assumir, e foi uma grande confusão, foi muito difícil pra mim, me senti muito sozinha e fragilizada, mas, aí eu enfrentei a situação sozinha, mesmo sem a minha mãe querer, a família do pai do meu filho também não queria, só depois que meu filho nasceu, foi que deu certo, e com um ano depois “agente” se juntou e eu tive mais dois filhos, e aí realmente eu vi que não dava certo e eu vim embora para São Paulo.

Entrevistadora: “ Hera como é sua vida atualmente? O que faz atualmente, como é sua rotina, sua rede de amigos, relacionamentos afetivos, sua relação com a sua família?”

Hera: “Hoje eu tenho meus 3 filhos , sustento eles sozinha, estou fazendo a faculdade agora de

Educação Física, estou no penúltimo semestre do bacharel. Dificilmente eu saio, raramente eu saio com alguns amigos, para um barzinho, tomar alguma coisa, dar uma relaxada, e depois que eu me separei eu não quis mais nenhum relacionamento sério, eu só tenho alguns “ficantes” de vez em quando, nada além disso. Hoje não apareceu a pessoa ainda pra “mim” poder ter um relacionamento sério.

E eu e meus filhos as vezes quando eu estou de folga nos domingos, ou em outro dia, “agente” costuma sair, passear, quer dizer, fazia isso antes, hoje ultimamente, com a grana curta, não está dando para sair muito, porque sair com criança, é tudo muito caro, então, “agente” tem evitado sair um pouco.

Minha rotina é trabalhar, estudar, fazer academia e em geral é isso. Eu não arrumei um emprego ainda registrado, porque como eu estou no penúltimo semestre ainda, eu tenho que fazer estágio e se eu arrumar um emprego registrado, não consigo fazer o estágio. Por isso continuo fazendo meus “bicos”, mesmo não querendo mais, mas, não vejo outra saída nesse momento e eu não tenho onde recorrer ou para quem recorrer, então estou fazendo meus “bicos” até Deus preparar um estágio pra mim e eu conseguir finalmente trabalhar na minha aérea, no que eu quero e escolhi para a minha vida”

Entrevistadora: “Quando você fala em “bicos”, você se refere a qual tipo de “bico” ou trabalho? E Qual seu trabalho atualmente? Algo além da prostituição? Qual é o principal? Por que?”

Hera: “A prostituição mesmo, as vezes prefiro falar “bico” porque assim as pessoas não sabem qual a minha profissão realmente, hoje os programas não estão sendo suficientes para me manter, estou passando por algumas dificuldades, eu precisaria arrumar outro emprego, arrumar outra coisa para fazer, porque não está sendo suficiente, para manter a minha casa e meus filhos eu estou tendo ajuda e nesse meio (o da prostituição), está muito difícil, mal da para pagar as contas, então não está sendo fácil, mas, assim eu conseguiria sim arrumar um emprego, mas, eu penso no dinheiro mais rápido, “tipo” vou ganhar pouco, mas eu sei que vou ter e como diz o ditado eu vou “cobrando um santo e descobrindo o outro”, vou levando até ver o que vai aparecer, mas, eu confesso que as vezes eu não tenho tempo e nem cabeça para procurar um outro trabalho, apesar de eu querer, eu confesso que não procuro”.

Entrevistadora: “Conte sua história na prostituição. Quando começou, como foi, pessoas que conheceu, desafios que você enfrentou e o que você achar de mais relevante”

Hera: “Eu sempre tive uma curiosidade “né”, eu era casada, na verdade depois que eu me mudei para São Paulo eu dei mais uma chance para o meu ex marido, nos vivemos um tempo juntos aqui em São Paulo, só que ele me humilhava muito, me maltratava muito, ele vivia me xingando, me chamando de “puta”, “vagabunda”, “que eu dava para fulano, dava para ciclano”, e na verdade eu era uma coitadinha, tinha medo até de olhar para o lado, porque eu nunca trai ele, e mesmo assim eu tinha o maior medo dele. E aquilo ficou na minha cabeça, eu era muito maltratada e ser acusada de uma coisa que você não faz é péssimo.

Ele com frequência me chamava de “puta” qualquer coisa que eu fazia ele não perdia a oportunidade de me chamar de “puta”, se eu atrasava do trabalho ele me chamava de “puta”, e aquilo foi ficando na minha cabeça.

Eu pensei “meu eu não sei o que é isso, mas eu vou descobrir”, e aí, partiu de mim mesma. Eu peguei um “jornalzinho amarelinho”, pesquisei, fui atrás e quis conhecer como é realmente essa vida. Eu liguei, marquei e fui, fiquei com muito medo no começo ,mas, assim eu não me arrependo, porque foi um grande aprendizado, hoje eu tenho outra cabeça, eu sinto como se eu precisasse passar por tudo isso para compreender varias situações, principalmente com relação à relacionamentos afetivos, porque durante os programas e conversa com alguns clientes, eles relatam situações as quais eu já passei, e assim eu fui tentando compreender a minha história e tento ajudar os meus clientes.

Foi um pouco difícil começar na vida da prostituição, mas, nunca nenhum cliente meu me desrespeitou como o meu marido me desrespeitava, então, é tudo diferente. Eu aprendi muito na vida de prostituta, aprendi coisas sobre sexo, porque até então o único homem o qual eu tinha tido foi meu ex marido, de higiene, de valores, as pessoas que eu encontrei, a maior parte são pessoas sofridas, que tem uma história triste por trás disso, que nenhuma delas, pelo menos são o que elas dizem que não estão “na vida” porque querem, estão ali por causa de uma situação, para sustentar filhos, pais, enfim. Para mim foi difícil no começo, mas, foi um grande aprendizado, está difícil largar, porque apesar de eu querer exercer a profissão de educadora física eu confesso que não consigo me enxergar fazendo outra coisa, eu só consigo enxergar isso, a prostituição! Hoje a concorrência está muito grande, são muitas garotas, e chega uma certa idade que não dá mais e eu acho que eu estou próxima disso.

E hoje o que eu acho o maior absurdo são as pessoas tirarem proveito da situação, porque sabem que dependemos das boates para trabalhar, porque trabalhar na rua é muito perigoso, e os donos de

boates tiram proveito disso, eles ganham muito dinheiro em cima da gente, entendeu? “agente” tem que fazer o serviço e a maior parte do dinheiro, e do lucro, ser para essas pessoas (donos das boates), isso é um grande absurdo, realmente isso me deixa chateada”

Entrevistadora: “Como você prefere ser nomeada? Prostituta? Profissional do sexo? Garota de Programa? Outros? Por que? O que significa cada uma dessas expressões para você? E para sociedade?”

Hera: “Sem dúvida nenhuma como profissional do sexo. Porque é assim que eu me considero, e qualquer outro nome eu não gosto e me faz lembrar do meu ex marido. E eu sou uma profissional mesmo, porque eu me considero uma profissional, pela questão de atendimento profissional mesmo. Meus atendimentos sempre foram profissionais, e os locais onde eu trabalhei aparentemente todos me tratavam com respeito e bem e sempre fui chamada de profissional.

Na verdade para os donos de boates, nos somos um produto, que tem que ficar lá para poder dar lucro, para eles. Mas eu sempre me posicionei como profissional, “agente” atende para fazer o cliente se sentir bem, porque, muitas vezes muitas questões não é sexo “né”, muitas vezes é uma conversa, um desabafo que o cliente procura, eu me sinto não apenas como um corpo, mas como mente, porque muitas vezes eu sou a psicóloga, a conselheira e ajudo até no casamento do cliente.

Às vezes eu ouço tantos desabafos dos clientes, tantas reclamações com relação a vida deles que saio de lá “meia acabada”, “pesada”, porque o cliente chega carregado, cheio de problemas, a partir do momento que você atende ele, ele coloca toda a sua carga, ele distribui tudo ali, joga tudo em cima de você, que é uma forma de relaxamento, por isso, que a maioria das vezes o cliente sai se sentindo melhor, e nós totalmente pesadas, justamente por isso, porque ele joga toda a carga dele ali, pra cima “da gente”, e “agente” sai sobrecarregada, porque “agente” absorve, geralmente “agente” não consegue deixar ali tudo, algumas coisas, algumas histórias acabamos absorvendo”.

Entrevistadora: “Como é sua vida sexual? Quais coisas interessantes, prazerosas? Quais coisas incomodam?”

Hera: “Então, vamos lá! Na minha vida profissional, que envolve diretamente a minha vida sexual, eu não faço por dinheiro nenhum, por mais que ele me pague, o dobro, o triplo, o dinheiro todo que ele tiver, eu não faço sem camisinha e nem “chupo” sem camisinha, apesar que eu não vou dizer para você que eu nunca fiz, porque eu já fiz sim, com pessoas que eu confio muito e que “agente” já sai há um bom tempo, que acontece, porque tem confiança, mas, a princípio eu não faço de maneira alguma, por dinheiro algum e também não permito que “goze na minha boca”, isso eu não faço nem com quem eu gosto, nem com clientes de confiança, isso eu não faço de jeito nenhum, não faço de forma alguma. Eu sei que essa minha profissão me afetou sexualmente, porque fora do meu ambiente profissional eu não consigo ter uma vida, sexual ativa normal “de boa”, que eu me sinta a vontade, que eu fique bem, entendeu? Que eu relaxe.

Depois eu acho que vou precisar passar por uma psicóloga para eu poder conseguir voltar a ser uma mulher normal, a que eu era antes, que isso querendo ou não me afetou. Ou talvez eu ainda não encontrei a pessoa certa que consiga me deixar relaxada, talvez seja isso, mas, é isso essas são coisas que me incomodam e eu não faço de forma alguma, e também como eu já disse já fiz e as vezes eu faço com clientes que já conheço há muitos anos, porque eu estou nessa vida há 5 anos e tenho clientes, que viraram amigos, que me dão a maior força e a relação deixou de ser só profissional, conhecem meus filhos, já veio na minha casa, já fui na casa da pessoa, são pessoas que não me consideram como garota, mas, sim como uma amiga e eu também não considero eles como clientes, considero como amigos”

Entrevistadora: “Como é o sexo na prostituição? E com parceiros (namorado(a)/ficante/marido(a)/etc)?”

Hera: “Bom, o sexo no trabalho é totalmente profissional, eu não consigo me lubrificar, tanto que para eu conseguir realizar os programas eu necessito de lubrificante em gel, e é diferente sim, muito diferente quando é um ficante ou quando é uma pessoa que eu gosto, é muito diferente. Porque no trabalho é super profissional, eu vou fazer o cara gozar, então ele gozou, “já era”, é uma pessoa que eu não tenho nenhuma afinidade, é uma pessoa que eu nunca vi, é uma pessoa que eu vou realizar os desejos dele, nunca o inverso, eu nunca consegui gozar com um cliente. Agora quando é alguém que estou ficando é completamente diferente, porque eu gosto da pessoa, consigo ficar a vontade com a pessoa, então eu já consigo ficar mais relaxada e eu já consigo lubrificar um pouco, resumindo, é completamente diferente sim, eu me sinto mais a vontade e o desejo de gozar é meu e não do cliente”

Entrevistadora: “Como você se vê? Como percebe o seu corpo? Quais sentimentos sobre ele?”

Hera: “Eu gosto muito do meu corpo, só tem um grande problema que eu estou lutando contra isso, que é da minha barriga, meu abdome, mas ela melhorou muito, muito mesmo, depois dos exercícios, depois que eu comecei a fazer dieta direitinho, tudo bonitinho, mas, preciso melhorar e muito. Eu

tenho um ótimo relacionamento com o meu corpo, eu gosto muito do meu corpo, assim, eu acho que eu preciso melhorar, alias, “agente” sempre precisa melhorar, mas, por ser uma mulher mãe de 3 filhos eu me vejo muito bem, eu não tenho vergonha nenhuma, constrangimento nenhum com o meu corpo. Só tenho sentimentos bons com relação ao meu corpo.”

Entrevistadora: “Como relaciona seu corpo com o modo como vive sua sexualidade? E com sua profissão?”

Hera: “Nossa, acho que não sei responder essa pergunta, apesar de você ter me explicado já algumas vezes, eu realmente não sei como responder, acho que eu não entendo muito bem o que é sexualidade, eu achava que era a mesma coisa que sexo. E mesmo você me explicando eu não consigo formular uma resposta. Desculpa!”

Entrevistadora: “Quando eu falo em genitália feminina qual a primeira coisa que vem na mente? Como você se relaciona com sua genitália? Quais cuidados de saúde?”

Hera: “Entendi já, estava tentando entender. Na verdade eu nunca tinha escutado essa expressão, genitália feminina, realmente isso é novo pra mim. Então você me falando a principio, eu não saberia nem o que responder, até porque eu nunca tinha escutado sobre essa expressão. A primeira coisa que vem a minha mente agora é a minha vagina. Como eu vejo? Ou me relaciono? Ah... eu olho, assim, em frente ao espelho, eu acho legal. Até porque, eu acho até engraçado porque alguns clientes já olharam e falam “nossa, você tem um piriquitinha tão bonitinha”, e aí as vezes eu fico olhando e me perguntando. Será que é verdade mesmo? E aí eu comparando com as muitas que eu já vi das minhas colegas de trabalho, realmente ela é bem bonitinha. Então eu tenho um bom relacionamento com a minha vagina. Agora quanto aos cuidados, eu vou ser bem sincera, eu estou sendo muito falha, antigamente eu ia para o postinho, fazia todos os cuidados, exames, tudo certinho, hoje eu já não faço isso, há mais de um ano eu não vou ao médico e não realizo exames, então eu estou bem relaxada com a minha saúde.”

Entrevistadora: “Qual sua experiência com profissionais e serviços de saúde? Você informa sobre sua profissão? Por que?”

Hera: “Bom! Com as agentes de saúde que passam aqui na comunidade onde eu moro, eu não falo, nem nunca falei sobre a minha profissão, mas, quando estou diretamente com o médico ginecologista, eu falo, porque eles dão uma atenção melhor, por eu ser garota de programa, eles passam recomendações, exames e são mais cuidadosos. Por isso eu acho importante informar o médico sobre a minha profissão, porque eles são mais criteriosos e eu não tenho problema nenhum em falar para o médico sobre a minha profissão”

Entrevistadora: “Quais as relações de convívio com a sua família? No momento as pessoas com quem você convive sabem da sua profissão? Por que?”

Hera: “Na família, amigos, assim... ninguém sabe, do que eu faço, porque eu não tenho uma confiança para poder me abrir com alguém, para falar sobre isso. Também tenho que me preocupar com os meus filhos, não quero expor eles, então prefiro que ninguém saiba. Não acho necessário eu contar para as pessoas da minha família, mesmo porque minha família são meus filhos e meus irmãos moram longe.

Eu nunca me senti a vontade para contar para ninguém principalmente por medo de sofrer algum tipo de preconceito, então, eu optei em manter minha profissão em sigilo, ate porque ninguém me ajuda, eu tenho que criar meus filhos e fazer minhas correrias sozinha”

Entrevistadora: “Você já foi discriminada por ser profissional do sexo? Você acha que há preconceito com a prostituição? Por que? É possível mudar?”

Hera: “Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito por conta da minha profissão, mas, talvez seja pelo fato de ninguém saber o que eu faço, então não tem como eu sofrer preconceito se ninguém sabe. Mas eu sei que a sociedade em que vivemos é uma sociedade preconceituosa, e não aceita “né”, por isso eu prefiro guardar só para mim a minha profissão. E graças a Deus nunca sofri preconceito e nem nunca fui testemunha de alguém sofrendo preconceito por causa da prostituição, porque como eu disse anteriormente os clientes nos tratam muito bem”

Entrevistadora: “Como você vê sua vida no presente momento? Você está satisfeita com a sua vida de forma geral?”

Hera: “Então amiga hoje eu vou ser bem sincera com você. Vai ser um desabafo, hoje eu me sinto um lixo, porque eu me sinto mal comigo mesma, eu queria ter ideias para poder fazer alguma coisa diferente e poder sair dessa vida, porque eu não aguento mais, ultimamente eu tenho ido na “casa” para trabalhar, e vejo que é muita humilhação entendeu? Não pela questão de preconceito, mas, é porque eu já estou cansada psicologicamente de viver assim, porque no momento que eu entrei foi por curiosidade, e eu pensei em passar um tempo e não tanto tempo, mas, aí foi passando, foi passando, me acomodei, gostei, mas, hoje eu não sou satisfeita com a minha vida.”

Entrevistadora: “Hoje qual seu maior desejo e planos para a vida em um futuro próximo?”

Hera: “Meu maior desejo hoje, é me formar no bacharelado e eu conseguir arrumar um emprego na minha aérea, eu já estou mandando alguns currículos, mas, eu não sei o que acontece que eu só recebo não! E eu acabo me desanimando sabe?”

Entrevistadora: “Você tem pretensão de mudar de profissão? Por que?”

Hera: “Como eu disse meu sonho agora, é me formar e trabalhar em uma academia, eu tenho pretensão de mudar de profissão sim, porque, eu estou muito cansada psicologicamente falando, sabe? Essa vida é bem cansativa, nem sempre eu quero trabalhar, mas, tenho que ir. Não quero mais isso pra mim, mas, no momento é minha única opção”

Entrevistadora: “O que você pensa sobre a regulamentação do trabalho sexual? Conhece o projeto de lei?”

Hera: “Então! eu já ouvi falar, mas, ouvi por alto, na verdade eu nunca me interessei, em procurar saber, eu sei que existe um projeto de Lei, já ouvi falar a respeito, e eu já deveria ter procurado algo sobre isso, pelo menos para eu ter um conhecimento a mais sobre essa situação, sobre essa questão, só que sendo bem sincera eu nunca me interessei à procurar, pesquisar profundamente sobre tudo isso, mas, agora conversando você me deu uma ótima ideia, quando eu tiver um tempinho eu vou procurar saber, porque faz parte da minha vida, da minha profissão e é interessante saber sobre a lei “né”, mas, de fato realmente não tenho muito à declarar sobre essa questão porque eu não tenho conhecimento”

Entrevistadora: “Para finalizar, conte uma história ou fato que você considera marcante da sua vida profissional e um da vida pessoal.”

Hera: “Um fato marcante que até hoje eu relato e com orgulho, “foi muito da hora”, eu estava com um cliente lá na boate, nos fomos para o quarto e tudo, e aí depois que “agente” saiu, era quase hora de ir embora, ele falou: “Vamos ali no barzinho, comer alguma coisa, tomar uma cerveja, ficar de “boa”, você pode?”. Eu respondi: “Vamos, hoje eu não tenho horário para chegar em casa mesmo, estou sossegada”, e aí quando “agente” saiu lá da casa, ele pegou na minha mão, andando de mão dada, eu olhei para ele e perguntei se ele não se incomodava de estar andando de mão dada comigo, sabendo que eu era conhecida na região que todos sabiam o que eu fazia, ele olhou bem sério pra mim e falou: “não! Imagina, sem problema nenhum, eu prefiro uma dama na rua e uma puta na cama”, foi algo que eu gostei muito de ouvir, eu me senti lisonjeada, bem interessante.

Agora um fato marcante da minha vida pessoal é que toda vez que saio com alguém fora da minha vida profissional, uso tudo o que eu aprendi nesses 5 anos de profissão, e os caras ficam babando em tudo o que eu faço na cama.”

Entrevistadora: Por favor, deseja falar alguma coisa, antes de encerrar?

Hera: “Eu gostaria de agradecer, e dizer que foi um prazer participar da sua entrevista, eu me senti muito útil, e quando você se sente útil para ajudar alguém, pelo menos esse é o meu desejo. Quando você se sente útil em ajudar alguém, me sinto muito feliz, porque eu sei o quanto é difícil, fazer TCC, trabalhar, estudar, e eu também estou nessa mesma luta. Então eu estou muito feliz de saber que eu contribui com alguém, que a minha história de vida é importante, e isso me deixa muito feliz. E o que eu tenho para dizer para encerrar é que um dia eu quero olhar para trás e não me arrepender de nada do que eu fiz, porque tudo pra mim foi um grande e feliz aprendizado, eu levo tudo como coisas positivas, experiências, coisas boas, pessoas boas, que passaram na minha vida. Eu só tenho que agradecer a Deus por ter colocado pessoas boas na minha vida, e tudo o que eu fiz foi mais pelo os meus filhos, para ser um exemplo para eles e me orgulhar. Para que meus filhos um dia possam sentir orgulho de mim e eu ser um espelho para eles.

Termino a entrevista agradecendo imensamente à Hera, pelo tempo que ela disponibilizou, para que esta entrevista fosse realizada.

Entrevista III - ÍRIS

Notas de Diário e Entrevista

Após algumas tentativas sem muito sucesso , no dia 12 de Outubro de 2018,realizei minha última entrevista, para este trabalho de conclusão de curso.

A entrevista com Íris, foi uma das quais eu mais queria realizar, pois, eu já conhecia um pouco da sua história e sabia que era uma história de altos e baixos, e cheia de fatos interessantes que só poderiam enriquecer este trabalho.

Foi uma entrevista difícil de ser agendada, pois, atualmente ela reside na região de Campinas e

difficilmente vem para São Paulo, mas como eu realmente achava que valia a pena, resolvi no feriado do dia 12 de Outubro viajar até Campinas e me encontrar com ela para realizar a entrevista.

Para a minha surpresa o local escolhido e combinado pela Íris foi na própria casa/boate que ela trabalha e reside também, um local muito bonito e luxuoso. Posteriormente percebi que não foi a melhor opção fazer a entrevista no local de trabalho, porque, diversas vezes fomos interrompidas.

Quando eu cheguei ela já estava me esperando, de óculos escuro, cabelos compridos, e sempre com um sorriso cativante, marca registrada da Íris, nos cumprimentamos, e eu inevitavelmente tive que expressar o quão espantada eu estava com a mudança dela.

Era horário do almoço e o cheirinho de comida boa estava no ar, ela gentilmente me ofereceu para irmos ao restaurante do estabelecimento. Sim! A boate ou “casa” como ela prefere chamar, tem um fino e requintado restaurante, nos sentamos e ela me disse “os tempos mudaram amiga”, e eu me lembrei da casa onde eu havia ministrado as aulas de pole dance para ela e era nítido que os tempos eram outros.

Ela continuou dizendo “aqui eu sou muito bem tratada e a comida que vamos almoçar é a mesma dos clientes, e hoje tem camarão”. Achei tudo aquilo o máximo e mais uma vez me lembrei que já havia almoçado com ela há alguns anos atrás, justamente na boate em que fui dar aula e me lembrei que comi apenas para não fazer desfeita, ao contrário daquele saboroso prato com camarão, anos antes eu e ela estávamos comendo arroz, feijão, farofa e uma carne moída com uma aparência péssima. Sim! Para ela os tempos agora são outros.

Durante a entrevista Íris se emocionou várias vezes, outras vezes se mostrou muito orgulhosa do seu trabalho e progresso, fez questão de mostrar todo o estabelecimento que ela trabalha e mora, tudo muito limpo, organizado, luxuoso, com uma grande piscina, academia para as garotas de programa e mesmo de manhã, no horário de almoço observei alguns clientes circulando pela casa.

Iniciamos nossa entrevista após almoçarmos por volta das 13:30, li e expliquei o termo de consentimento livre e esclarecido, a mesma assinou e assim pudemos iniciar nossa entrevista.

Entrevistadora: “Conte um pouco sobre a sua história, onde nasceu, com quem morou, onde costumava brincar, infância, adolescência até chegar na sua vida adulta”

Íris: “Bom, como você sabe eu nasci no Ceará, sou cearense com muito orgulho, tenho 37 anos nasci em um bairro bem simples e humilde na cidade de Crateús, minha mãe sempre que podia nos levava a praia do Forte em Fortaleza, era uma viagem longa, mas, eu adorava, ali eu via pessoas bem diferentes de nós, pessoas ricas! Acho que desde de pequena eu quis ser como aquelas pessoas.

Eu tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Morava eu, meus irmãos e meus pais, nós fomos uma família normal, passamos dificuldades por diversas vezes, dificuldade “braba” mesmo, de não termos o que comer e mamãe ter que ir pedir para os vizinhos, minha mãe sempre foi dona de casa e às vezes para ajudar meu pai, passava roupa para fora ou trabalhava de faxineira na casa de algum conhecido.

Meu pai sempre foi pedreiro e não ganhava muito, em casa sempre estava faltando as coisas, porém, eu de pequena não ligava para isso, eu queria mesmo é brincar na rua, de pega – pega, esconde - esconde, andar com a bicicleta das vizinhas e minha mãe apesar de rígida sempre deixou eu e meus irmãos “brincarem”, ela sempre disse que “criança saudável é criança que brinca”. Com o passar dos anos meu irmão mais velho começou ir para o bairinhos do bairro e eu saía escondido para ir atrás dele, e acabava entrando nas festas e me divertindo, quando ele me encontrava era sempre um “couro” que eu levava, mas, não tinha jeito não, toda vez que ele saía eu ia atrás.

Até que quando fiz 14 anos eu comecei a pular o muro de casa e ir para as festas sozinha e foi em uma dessas festas que eu “peguei barriga”, fiquei grávida com 14 anos, se eu pudesse voltar atrás eu mudaria tudo, não pela minha filha, que foi uma benção na minha vida. Mas eu era muito novinha, perdi toda a minha adolescência, não estudei, e não tinha estrutura financeira nenhuma para dar para minha filha. Quando minha filha nasceu ela não tinha nem roupinha para sair da maternidade, é por isso que hoje eu dou de tudo para a minha filha.

Assim que minha filha nasceu, antes mesmo de eu sair do hospital, minha mãe imediatamente disse que eu dali para frente teria que me virar para trazer dinheiro para casa e sustentar minha filha, após os 6 meses que amamentei minha filha, sai para procurar emprego e deixava a minha filha com a minha mãe e minha irmã mais nova.

Foi um momento muito difícil porque eu não conseguia trabalho nenhum, era muito nova, sem experiência e meus pais estavam sempre me cobrando. Mesmo contra a minha vontade eu comecei a fazer faxina, como a minha mãe e descobri que eu levava jeito para a coisa, porém, eu tive muitos problemas com algumas patroas e os maridos delas, eu era nova e bonita e por várias vezes fui dispensada da serviço.

Trabalhei como faxineira em casa de família por 5 anos, e quando estava com 19 anos, na festinha de aniversário da minha filha de 5 anos eu decidi que eu não queria mais aquilo pra mim, falei para a minha mãe que iria vir para São Paulo, estudar e arrumar um emprego. Minha mãe concordou, porque sabia que ali eu não iria encontrar trabalho melhor, mas, não permitiu que eu trouxesse minha filha junto.

E foi quando eu vim para São Paulo, trouxe algumas economias minha e dos meus pais que nem eu sabia que eles tinham, logo que cheguei aluguei um cômodo em uma favela na zona leste e nunca senti tanto medo na minha vida, aqui em São Paulo tudo era muito diferente de onde eu morava e o local onde eu fui morar era péssimo, mas, pelo menos eu não estava na rua.

Eu passei muito “perengue” lá em São Paulo, porque só depois de 3 meses procurando emprego, eu consegui um emprego de balconista em uma padaria, e todo o dinheiro que eu ganhava eu pagava o aluguel do cômodo que eu morava e o restante mandava para a minha mãe, comprar as coisas para a minha filha.

Trabalhei como balconista por mais de 3 anos, e levava uma vida normal, geralmente era só trabalho e casa, uma vez ou outra eu tomava uma cerveja com as vizinhas na calçada de casa. Depois de 3 anos aqui em São Paulo, eu sempre ligava para a minha filha de um “orelhão” para o Ceara para saber notícias da minha filha, e em uma dessas ligações minha irmã atendeu e pediu para vir morar comigo, porque ela também não queria mais morar em Crateús, se eu soubesse tudo o que aconteceria com a vinda da minha irmã, acho que eu não teria deixado ela vir, porque foi mais uma preocupação na minha cabeça. Resumidamente é mais ou menos isso, que aconteceu na minha vida.

Entrevistadora: “O pai da sua filha, assumiu sua filha? Ou você teve que cria la sozinha?”

Íris: “Olha na verdade, na época eu não tinha certeza de quem era o pai da minha filha, eu só vim ter certeza à pouco tempo atrás, quando a minha filha pediu para conhecer o pai, e ai eu pedi um exame de DNA, para os dois homens que poderiam ser o pai, foi um grande transtorno para todo mundo, e eu me arrependo muito de ter feito esse exame de DNA”

Entrevistadora: “Como é sua vida atualmente? O que faz na rotina, rede de amigos, relacionamentos afetivos, família”

Íris: “Minha vida atualmente é essa que você esta vendo, eu praticamente não saio daqui, porque aqui eu tenho tudo. Na minha rotina, eu acordo, malho, vou no cabeleleiro, raramente eu saio daqui, e quando eu saio é com a minha irmã, que também trabalha aqui comigo. Nessa vida, ninguém é amigo de ninguém, minha única amiga é minha irmã, então, minha convivência é apenas com ela. Eu duas ou três vezes por ano vou para o Ceara, visitar minha família, mas, aqui em São Paulo eu só trabalho mesmo”

Entrevistadora: “Qual seu trabalho atualmente? Algo além da prostituição? Qual é o principal? Por que?”

Íris: “O meu trabalho atualmente é o de garota de programa, eu não faço nada além disso. E eu sou garota de programa por vários motivos, mas, os principais, é a facilidade de dinheiro e porque sendo bem sincera com você eu gosto do que eu faço. Apesar de ser algo que eu escondo da minha família, é algo que eu gosto, eu me sinto poderosa em dar prazer para outra pessoa.

Entrevistadora: “Conte sua história na prostituição. Quando começou, como foi, pessoas que conheceu, quais os desafios”

Íris: “Então como eu estava contando, quando a minha irmã pediu para vir para São Paulo, eu trabalhei mais 4 meses e mandei a passagem para a minha irmã já deixando claro que ela chegando aqui ia ter que trabalhar, quando ela chegou aqui em São Paulo, por sorte, ela logo arrumou um emprego, em uma loja do shopping era época de Natal e ela trabalhava todos os dias, vivemos assim por mais dois anos. Um dia estávamos lendo um “jornalzinho”, que tinha uma parte com folhas amarelas e vimos um anúncio, chamando meninas bonitas, jovens, para trabalhar no interior de São Paulo com hospedagem e comida de graça. Ligamos no número do anúncio e o gerente explicou mais ou menos do que se tratava e disse que por mês se trabalhássemos bem poderíamos ganhar muito dinheiro. Já cansadas de morar naquele cômodo horrível e curiosas, arrumamos nossas coisas

e fomos para o interior de São Paulo.

Como eu disse a curiosidade e a vontade de mudar de vida fez com que eu e minha irmã nem pensamos duas vezes, arrumamos nossas malas e fomos para a cidade de Itapetininga, chegando lá nos vimos que não era nada daquilo que o anúncio do jornal dizia, a tal boate era no meio do nada, em um sítio, cheio de barro, não pegava sinal de celular e assim que chegamos nossos celulares foram confiscados, acho que foi um dos piores momentos que passei na minha vida, ali senti muito medo e me arrependi de ter ido parar naquele lugar, minha irmã mais nova, ficou apavorada e começou a chorar, senti naquele momento que tinha que tomar a responsabilidade para mim.

Os quartos que era para dormir era lotado de caramujo nas paredes, mofado, um cheiro horrível e as outras garotas da boate, assim que chegamos nos trataram muito mal, foi horrível, nós éramos muito diferentes das meninas da boate, nos duas éramos loiras, magras, altas, e as outras garotas eram o oposto, horrorosas.

Nós não tínhamos dinheiro para ir embora daquele lugar e assim que chegamos descobrimos que ali dentro não podia usar o celular e que cada dia de hospedagem teria que ser pago, ou seja, logo que chegamos, já estávamos devendo para o dono da casa, como não tínhamos dinheiro para voltar para São Paulo, eu falei para a minha irmã que íamos ficar e fazer dinheiro, eu demorei dois dias para conseguir fazer o primeiro programa, a minha irmã demorou mais de um mês para tomar coragem, enquanto isso eu paguei a minha hospedagem e a dela, então eu tinha que trabalhar em dobro.

O gerente era uma pessoa grossa, um desgraçado que tomava quase que todo o nosso dinheiro, e além dos programas, nos tínhamos que bater uma meta de bebidas, nos tínhamos que fazer os clientes beberem e pagar bebida para nós. E quando os clientes pagavam nossa bebida, o garçom nos dava água, só para a casa ganhar mais dinheiro.

Foi o pior lugar que eu trabalhei, mas, a minha vontade de ganhar dinheiro era maior e já que eu tinha entrado para vida, então eu ia fazer o meu melhor, apesar, de eu detestar aquele lugar eu fiquei lá por quase um ano e consegui juntar muito dinheiro, porque eu fazia muitos programas por dia, eu era a mulher que fazia mais programa na casa.

Depois de muitos meses lá eu decidi voltar para São Paulo, e aqui eu comecei a trabalhar em várias casas, trabalhava em um privê de manhã e a tarde e a noite em uma boate. Eu trabalhei e trabalho muito, e foi assim que eu comecei na vida”

Entrevistadora: “Como você prefere ser nomeada? Prostituta? Profissional do sexo? Garota de Programa? Outros? Por que? O que significa cada uma dessas expressões para você? E para sociedade?”

Íris: “Garota de programa, acho que já estou acostumada, e gosto de ser chamada assim de garota de programa. Para a sociedade qualquer uma dessas expressões, são coisas ruins, para a sociedade nós que somos erradas, ninguém para pensar que se tem garota de programa é porque tem cliente”

Entrevistadora: “Como é sua vida sexual? Quais coisas interessantes, prazerosas? Quais coisas incomodam?”

Íris: “Eu tenho uma vida sexual muito, muito, muito, ativa. Eu gosto do que eu faço e sinto prazer em dar prazer para os meus clientes. Eu gosto de como eu sou desejada, eu gosto quando no meio de tantas garotas, o cliente escolhe eu. Eu adoro! Agora as coisas que me incomodam? Olha, já tive todos os tipos de clientes, a única coisa que me incomoda durante o sexo, é cliente fedido. E eu já tive vários, no começo eu aceitava tudo, depois de um tempo aprendi a levar os clientes para o banho antes do programa, assim, uma parte do tempo do programa ele passava tomando banho e aí quando íamos para o quarto, já tinha passado metade do tempo do programa, eu fazia ele gozar rapidinho e já entrava outro”

Entrevistadora: “Como é o sexo na prostituição? E com parceiros (namorado(a)/ficante/marido(a)/etc)?”

Íris: “Apesar de eu sentir prazer com os meus clientes, o sexo quando é com um ficante ou com o meu namorado é bem diferente, eu tenho um namorado no Ceará, que não sabe a minha profissão. Então quando eu chego no Ceará, eu percebo que o sexo com ele é muito mais gostoso. Mas sexo é sexo, pra mim é bom de todo jeito”

Entrevistadora: “Como você se vê? Como percebe o seu corpo? Quais sentimentos sobre ele?”

Íris: “Eu hoje sou muito satisfeita com o meu corpo, em tudo, hoje eu tenho condições de manter um corpo que eu acho bonito. Nem sempre foi assim, eu já tive muita vergonha do meu corpo, mas, hoje depois de tanto trabalho eu olho para o meu corpo e me sinto linda e gostosa, não sou mais aquela magrela, que não gostava do próprio corpo. Hoje eu sou feliz”

Entrevistadora: “Como relaciona seu corpo com o modo como vive sua sexualidade? E com sua profissão?”

Íris: “Eu vivo bem com o meu corpo e minha sexualidade, com as opções que eu fiz para mim e para minha vida, e tento relacionar bem minha sexualidade com a minha profissão”

Entrevistadora: “Quando eu falo em genitália feminina qual a primeira coisa que vem na mente? Como você se relaciona com sua genitália? Quais cuidados de saúde?”

Íris: “A primeira coisa que vem à minha mente é Vagina? É isso? Porque eu só consigo pensar nisso. Eu me relaciono bem com a minha genitália, e tento ter todo o cuidado possível com ela, afinal, é meu instrumento de trabalho. E aqui onde eu trabalho hoje, nos temos que fazer exames periodicamente, os clientes aqui são exigentes, sou muito bem tratada aqui, mas, tenho regras para seguir, e uma delas é ir ao médico a cada 3 meses”

Entrevistadora: “Qual sua experiência com profissionais e serviços de saúde? Você informa sobre sua profissão? Por que?”

Íris: “Sim eu sempre, sempre, sempre, informo o médico a minha profissão, porque o médico tem que saber o que eu faço e que tenho uma vida sexual com vários parceiros, assim, ele sempre me passa vários exames, remédios e me dá várias orientações. Eu acho uma bobagem quem é da vida, não falar a verdade para o médico, o médico está ali para nos ajudar”

Entrevistadora: “Quais as relações de convívio com a sua família? No momento as pessoas com quem você convive sabem da sua profissão? Porque?”

Íris: “Eu tenho uma excelente relação com a minha família, com meus pais, meu irmão e minha filha. Isso sem falar da minha irmã, que é meu porto seguro e minha melhor amiga. Apenas a minha irmã sabe da minha profissão, porque ela também é garota de programa, mas, eu nunca jamais irei contar para a minha família, com o que eu trabalho. Eu jamais quero que meus pais ou minha filha saiba que sou garota de programa, seria uma vergonha muito grande para os meus pais e para a minha filha. Jamais vou contar”

Entrevistadora: “Você já foi discriminada por ser profissional do sexo? Você acha que há preconceito com a prostituição? Por que? É possível mudar?”

Íris: “Sim, pelas próprias colegas de trabalho, essas “guengas” aqui mesmo, são preconceituosas, desunidas, por exemplo: às vezes eu falo algo que gostaria de fazer e as próprias colegas de trabalho dizem “você não pode, você é garota de programa.” O preconceito, existe, como eu disse por parte de nos mesmas e pela sociedade, que nos vê como as grandes vilãs. E eu acho que o preconceito nunca vai acabar, porque as pessoas são preconceituosas por natureza, desde que nasceram”

Entrevistadora: “Como você vê sua vida no presente momento? Você está satisfeita com a sua vida de forma geral?”

Íris: “Não sei se essa vida que eu levo é a melhor, ou se eu fiz a coisa certa quando escolhi ser garota de programa, mas, hoje olhando para trás eu vejo tudo o que eu já passei, como já fui humilhada e superei e me sinto satisfeita, hoje eu ajudo meus pais, minha filha já está uma moça formada, e foi graças ao meu trabalho. Então eu estou satisfeita com a minha vida, só sinto falta de estar com a minha filha”

Entrevistadora: “Hoje qual seu maior desejo e planos para a vida em um futuro próximo?”

Íris: “Meu maior desejo é voltar para o Ceará, mas, não para Crateús. Quero ter dinheiro para comprar uma casa em Fortaleza, próximo da praia do Forte, onde eu ia quando eu era pequena com a minha mãe e meu plano para o futuro é esse”

Entrevistadora: “Você tem pretensão de mudar de profissão? Por que?”

Íris: “ Para ser honesta e sincera não tenho pretensão de mudar de profissão, tão cedo, sei que um dia vou ter que parar, mas, não sei fazer outra coisa, e vou ser garota de programa até quando der. Eu ganho bem hoje, demorei para conseguir estar onde estou, então, não pretendo parar por enquanto.”

Entrevistadora: “O que você pensa sobre a regulamentação do trabalho sexual? Conhece o projeto de lei?”

Íris: “ Eu conheço muito pouco, aqui na casa pouco se fala sobre lei, e eu nunca procurei saber, eu deveria saber mais e me interessar mais, mas realmente não sei.”

Entrevistadora: “Para finalizar, conte uma história ou fato que você considera marcante da sua vida profissional e um da vida pessoal.”

Íris: “O fato marcante da minha vida profissional, foi meu primeiro programa, eu estava perdida e fiz tudo errado, o cliente que me ensinou a fazer um programa, eu dei sorte de logo no primeiro programa encontrar um homem que me ajudasse, e jamais vou esquecer dele. Da minha vida pessoal foi ver minha filha se formando no curso técnico eu me senti muito orgulhosa dela, ela é meu motivo de maior orgulho nesta vida”

Entrevistadora: “Por favor, deseja falar alguma coisa, antes de encerrar?.”

Íris: “Sim. Eu gostaria de agradecer a você, por permitir que eu participasse da entrevista, gostaria de me desculpar pelas inúmeras vezes que fomos interrompidas e por eu falar muito rápido, eu espero ter ajudado e espero que isso possa contribuir para que as pessoas não vejam as garotas de programas como vilãs e sim como mulheres que trabalham como qualquer outra”